

O CORREIO

DIRECTOR

Jorge Santos

SEMENARIO MONARCHICO

EDITOR

João de Sá Sotto-Maior Pizarro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Passos Manoel, 177-1.º-Porto

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor—Officinas movidas a electricidade—Rua da Cancellia Velha, 70-1.º—PORTO.

Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas—6, Rua Duban

Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

Proprietario—MARIO ANTUNES LEITÃO

1.º ANNO = N.º 20 = AVULSO 20 REIS

Sabbado, 19 de Abril de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.ºs, 15000 reis—Serie de 26 n.ºs, 500 reis. Estrangeiro: (Paizes da União postal)—serie de 52 n.ºs, 15 francos (ou 55000 reis). Serie de 26 n.ºs, 8 francos (ou 156000 reis. Brazil: serie de 52 n.ºs, 65000 reis (moeda brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.

ANNUNCIOS—Na secção de annuncios 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

SUMMARIO

Reconstrucção. — AYRES D'ORNELLAS.
Echos.
A Segunda Incursão Monarchica. — JOAQUIM LEITÃO.
A obra da Monarchia. — EDUARDO LUPI.
Mais um attentado contra o Rei de Hespanha. — JOAQUIM LEITÃO.
Andrinopla.
Dias Costa. — AYRES D'ORNELLAS.
Differenças. — GIL EANES.
Aspectos. — HENRIQUE DE PAIVA COUCEIRO.
Carta de Lisboa. — RAUL.
Semana mundana.
Chronica dos Theatros.

Reconstrucção

Quando ha dias aqui escreviamos da fallencia do Parlamentarismo, procuravamos ao mesmo tempo destacar as causas essenciaes d'essa fallencia. Uma provém da má applicação do systema, viciado a ponto de não representar realidade alguma, outras têm a sua origem nos principios revolucionarios erigidos em credo politico nos regimens contemporaneos. Quando logo no primeiro quartel do seculo XIX, escriptores de uma rara visão como De Bonald e José de Maistre apontavam as consequencias, tão funestas como fataes d'esses erros, os acontecimentos e os factos não tinham ainda, para assim dizer, verificado a verdade das suas asserções, e com o nome generico de *reaccionarios*, foram tidos pelo mundo liberal como uma especie de maniacos inoffensivos, de cujas doutrinas nem era licito apresentar a defeza; as conquistas da revolução eram portanto declaradas *intangiveis*, e os seus principios elevados á categoria de *immortaes*.

Mas os tempos foram andando e os factos fallando mais alto e mais claro. E a esses primeiros escriptores reaccionarios foram-se seguindo outros que se chamaram Le Play e Taine, não fallando na obra essencial e capital n'esta orientação, de romancistas como Balzac, primeiro, e hoje Bourget e Barrès, para só citar os Mestres. E assim foi pouco a pouco passando em julgado a grande verdade; que os revolucionarios tinham a um tempo postergado as leis da razão como as leis da natureza; que a tradição d'um povo se não rompe impunemente; que o homem emfim, não só não é bom por natureza, como sobretudo não é uma mera abstracção, um individuo vago, *taillable et corvéable* á mercê d'um Estado, unico poder, unica força, despota e tyranno absoluto!

E assim somos hoje obrigados a reconhecer que desapareceu o imperio exercido sobre as intelligencias por uma serie de vocabulos sonoros. E' certo que se pronunciam, é certo que ainda se trabalha sobre elles, mas é certo tambem que a sua fallencia é um facto, desacreditadas as suas consequencias logicas, á força d'impotencia e de mentiras! O Regimen moderno metteno o cidadão, o individuo, isolado na estrutura da nação, separando-o da familia onde nasce, da propriedade onde

vive, da propria funcção que exerce onde mal se póde associar. Arrancou-o ás influencias, complexamente fortes e sadias, da sua tradição, da sua raça, do seu meio e do seu passado.

O seu isolamento foi systematicamente procurado como uma das condições não só normaes como essenciaes do Estado Politico. E assim o Paiz em vez d'apresentar uma collecção d'organizações livres e independentes, unidas pelo interesse nacional n'uma forte vontade collectiva, comprehendeu apenas uma multidão d'individuos isolados, os verdadeiros *Déracinés* descriptos por Maurice Barrès, entre os quaes e o Estado não ha órgãos intermediarios, ficando pois livre o campo á tyrannia do segundo e segura a oppressão do primeiro.

D'ahi seguiu-se outro mal, que é precisamente o que se tornou fatal ao regimen. Quando os poderes publicos se repartem segundo uma descentralisação regional ou profissional, quando a auctoridade do Estado tem por limite o direito de numerosas e fortes collectividades, o poder absoluto torna-se impossivel, e ao mesmo tempo o Estado não póde atrahir e centralisar em si as numerosas funcções desempenhadas pelas differentes organizações. E assim se dá a natural harmonia de poderes, e o equilibrio entre as forças vivas d'uma nação, signal sensivel da sua saude e da sua força. Tal era o admiravel exemplo que dava ao mundo a Gran Bretanha, paiz classico por isso mesmo da verdadeira liberdade, antes que o *virus* radical do governo actual tivesse vindo corroer esse organismo cuja solida constituição parecia poder desafiar os seculos.

Mas nos paizes latinos, o Estado centralizando pouco a pouco todos os poderes, e exagerando todos os dias as suas attribuições, foi por isso mesmo diariamente tornando-se mais incapaz de desempenhar a colossal tarefa que ia assumindo. E assim se estabeleceu um circulo vicioso; á medida que o individuo, cada vez mais isolado, ia pedindo e exigindo mais ao Estado-Providencia, este ia podendo cada vez menos satisfazer essas exigencias fataes. Em frente a um poder exorbitante, o individuo ficára reduzido a uma absoluta incapacidade politica. De todos os seus direitos só um lhe era afinal possivel exercer, o direito de voto. Mas o Estado se encarregava de o transformar sempre em proveito proprio. D'essa abdicação successiva, sahiu naturalmente a *passividade* do cidadão perante tudo quanto directa e immediatamente o não ia ferir, por isso mesmo que o sentimento colectivo se apagára de todo. E assim a nação deixou proclamar a Republica na manhã de cinco d'outubro, á espera que essa nova formula de regimen lhe viesse dar a Providencia que a monarchia já não podia dispensar. O regimen monarchico cahiu porque a sua fórmula politica se tornára um desenganho para o Paiz: parece-nos porém que ha muito que elle vae estando desenganado da Republica!

Ao contrario pois da doutrina revolucionaria, o Estado não póde, nem deve, accumular em si todos os direitos e todos os poderes. E' essa noção que está hoje desaparecendo sob a eloquente

lição dos factos. E ao mesmo tempo se vae já iniciando a reconstrucção. São os interesses que se vão agrupando, são os *homens* que se vão associando, adaptando essas organizações ás exigencias do trabalho, do capital, ou do meio em geral. A obra de reconstrucção necessaria á Patria Portugueza, tem que ser uma obra de *conservação* nacional. Deixados no seu logar natural que é a *Familia*, os homens são fixados ao solo da patria pela *Propriedade* e pelo *Trabalho*. Agricultores, operarios, agrupam-se segundo as suas necessidades e conforme as possibilidades. Pelos serviços reciprocos estas associações compenetram-se: os seus interesses são concordantes. O capital e o trabalho cooperam. A industria e o commercio valorizam e põem em circulação productores e productos. Os quadros das carreiras liberaes oferecem um agrupamento natural áquelles que as professam. O que é ainda na França contemporanea a *Ordem dos advogados*, o que são na Gran Bretanha as *Universidades*, o que deve ser em todo o paiz livre a *Magistratura* exemplificam claramente o que pensamos ácerca de taes *associações de classe*. Com os seus direitos e deveres correspondentes, ellas são a nosso vêr, o meio essencial de combater o absolutismo do Estado.

D'essa organização das liberdades collectivias, as mais preciosas, d'essa reconstrucção *corporativa*, digamos assim, da Nação, sahe naturalmente outro grande e essencial elemento de liberdade, a descentralisação administrativa, a autonomia local. E eram estes os principios em que assentava o antigo direito publico nacional antes que a doutrina do absolutismo viesse corromper o Paiz até á medulla. Não é por acaso que o *jacobino* da nossa terra tem tamanha admiração pelo Marquez de Pombal. No fundo a doutrina d'este é a d'elles. E se queremos salvar o Paiz, e fazer obra sadia e verdadeira de Reconstrucção Nacional, temos que ir buscar a Tradição nacional. As fórmulas da sociedade modificam-se é certo: mas os principios são os mesmos. A verdade é só uma. E nós crêmos que a formula que nos convem é a que resume a velha monarchia popular portugueza: *o Rei reina e governa, mas a Nação administra-se*.

Ayres d'Ornellas.

ECHOS

O nosso jornal

As condições especiaes em que tem sido feito o nosso jornal, e que os nossos leitores conhecem, por saberem que estão actualmente no estrangeiro quasi todos os nossos colaboradores, não nos tem permitido a realisacção de modificações que nos consistam acompanhar com mais actualidade em todas as secções, que não apenas na *Carta de Lisboa*, os acontecimentos que se vão succedendo.

Julgamos, porém, ter conseguido finalmente remediar esses inconvenientes e n'um dos proximos numeros esperamos poder inaugurar uma nova secção em que os acontecimentos decorridos na semana em que se publica o nosso numero sejam relatados e apreciados, independentemente do que sobre elles possam dizer nos numeros seguintes os

nossoes collaboradores que vivem longe de Portugal.

N'estes ultimos numeros circunstancias varias, — entre as quaes citaremos a de termos tido que publicar artigos que occuparam demasiado espaço, dado o formato do *Correio*, e a nem sempre muito perfeita regularidade do serviço dos correios portuguezes e estrangeiros, — não tem sido publicadas algumas secções e tem sahido incompletas outras.

Julgamos poder assegurar aos nossos leitores que taes contratempos serão remedios a partir do proximo numero, e que as modificações introduzidas nos nossos serviços de redacção e administração permitirão que o *Correio* publique em todos os seus numeros todas as suas secções e se occupe de todos os assumptos succedidos na semana da sua publicação.

Aproveitamos a occasião para agradecer a todos os nossos illustres collegas da imprensa os cuidados que lhes temos merecido e as enternecedoras provas que nos tem dado da sua amabilidade.

Não somos ambiciosos, e para compensação do pouco que temos feito, é-nos grato constatar a alta significação da captivante attitude dos nossos illustres collegas.

Ao *Thalassa*, o admiravel semanario do grande artista que é Jorge Colaço e do brilhante jornalista que tem mostrado ser Severim de Azevedo, nosso antigo collega no *Correio da Manhã*, agradecemos a parte que nos cabe na sua amavel referencia aos jornaes que com applauso e admiração saudaram o seu apparecimento.

Jornalistas

Diz o *Mundo* que o jornalista digno de exercer a sua profissão, que é muito mais difficil e de graves responsabilidades do que julga qualquer amator ou adventicio, é obrigado a distinguir entre o que seja assumpto publicavel e o que o não é.

Apoiado! Assumpto publicavel é o que o *Mundo* costumava inserir na secção *Diz se*.

Assumpto impublivavel é o que o sr. Theophilo Braga diz a toda a gente e escreve em todas as cartas a respeito de certos republicanos.

Está certo. Quem souber isto, é um jornalista digno... do *Mundo*.

Uma carta

Dizia a *Lucta*, — no numero em que noticiava que o sr. Theophilo Braga iria explicar na Camara dos Deputados o caso das entrevistas com o *Seculo* e o *Dia*, — que seria talvez a occasião de se lêr a carta que lhe escreveu (ao sr. Theophilo) João Chagas, sendo elle presidente do governo provisório, carta propositadamente insultuosa, modelar no genero, e que foi o justo desforço d'uma vilissima calumnia.

Temos, pois, que o sr. João Chagas escreveu uma carta propositadamente insultuosa, modelar no genero, ao sr. Theophilo Braga.

Mas, ah! senhores, então aproveitem essa carta para a dirigirem ao sr. Cassagnac, director da *Authorité*, como se tivesse sido escripta para elle.

Já os ataques do jornalista francez ao sr. João Chagas não continuariam sem resposta, o que como se vê não succedeu aos ataques que ao mesmo senhor dirigiu, quando presidente da Republica, o venerando ancião, que é como as *Novidades* chamam ao sr. Theophilo.

Desejos

O sr. Affonso Costa disse n'um seu recente discurso que tinha grande desejo de fazer uma viagem ás colonias.

Este homem tem sem duvida um fundo de instinctiva justiça.

Ha tempos, indo visitar a Penitenciaria, foi de seu motu proprio metter-se n'uma das cellas destinadas aos prisioneiros, fez fechar a porta, e deixou-se lá estar alguns minutos.

Agora manifesta o desejo de ir ás colonias.

Não ha duvida, allí ha um fundo de justiça.

A Verdade

O nosso presado collega *A Verdade*, de Angra do Heroísmo, tem toda a razão quando nos observa que não foi a *União*, semanário d'aquella cidade, mas ella, *Verdade*, que transcreveu por duas vezes artigos aqui publicados com o título *Outros tempos, os mesmos homens*.

Effectivamente foi esse nosso presado collega que teve... essa coragem. E chamamos-lhe coragem, porque, segundo parece, o transcrever-se alguma cousa d'um jornal como o nosso, tudo quanto ha de mais intransigentemente *thalassa*, constitue, nos tempos que vão correndo, uma prova de decisão e de energia, que não vemos que muitos tenham, pois em geral quando alguma cousa do nosso semanário transcrevem, tem o cuidado de não dizer de oude o transcrevem ou de acompanhar a transcrição d'uma bordoad... para que os carbonarios vejam que nos transcrevem, mas que é apenas para nos darem bordoad.

Não se dê o caso da carbonaria amena os castigar.

Não succede isso com a *Verdade*.

Esse nosso presado collega transcreve-nos; diz de onde fez a transcrição... e ainda em cima nos elogia com palavras extremamente amáveis.

Pois receba o nosso collega os nossos parabens pela sua coragem e os nossos agradecimentos pela sua amabilidade.

E terminamos por dizer que a *Verdade* transcreveu também n'um dos seus ultimos numeros o nosso echo intitulado: *Uma carta de Paiva Couceiro*.

Dedicção

O sr. José Relvas, que é um dos taes diplomatas de quem o sr. Theophilo Braga disse não poderem ser tomados a serio pelos governos junto dos quaes representam a Republica Portuguesa, declara n'uma carta á *Lucta* que recusou sempre qualquer logar de destaque na Republica até 9 de Outubro, accedendo n'esse dia em aceitar a pasta das finanças depois das vivas instancias do sr. Affonso Costa que, no gabinete d'esse ministerio, na presença do sr. Bernardino Machado, appellou para a sua dedicção á Republica e ainda só depois de assegurado o apoio da alta finança de Lisboa, de que é testemunha *Balthazar Gabral*, venceu as suas proprias resistencias.

D'aqui se prova que a dedicção do sr. Relvas á Republica não era tão grande que elle se não tivesse resolvido a aceitar a pasta senão quando a alta finança lhe assegurou o seu apoio.

Se a alta finança lhe não tem assegurado o apoio, isto é, se a situação fosse mais difficil do que era e portanto a Republica mais precisasse de dedicções e sacrificios... o sr. Relvas não aceitava a pasta.

Outro que se aguentasse com a espiga.

Não está má dedicção, não, senhor.

A defeza nacional

Em editorial da *Lucta* diz o sr. João de Menezes que os governos do velho regimen decretaram muitas organizações do exercito, transferiram regimentos e bandas de musica, modificaram uniformes, gastaram muitos milhares de contos por ano, e deixaram ficar em miseravel estado a defeza do país, concluindo assim, conselheiralmente, o seu artigo: «Em que condições deve organizar-se e até onde devam chegar as despesas a realizar com a organização militar, é o problema que tem de ser resolvido pelos dirigentes da politica nacional.»

Pois vão pensando nele, mas tomem conta com o pensar, não lhes venha a succeder algum desastre irreparavel. Por emquanto... vamos indo á moda antiga.

A Republica já regista nos seus anaes, uma organização do exercito, uma modificação de uniformes, varias transferencias de regimentos e bandas de musica e tem gasto mais alguns milhares de contos por ano, do que gastava a monarchia.

Em genero imitação, não ha melhor infelizmente.

Se é nosso este echo?...

Não... não é.

É do *Intransigente*, dirigido pelo sr. Machado dos Santos.

Pois é claro

O *Mundo*, referindo-se ao escandalo que tem havido em Londres por causa da Companhia Marconi, diz que *vae um rasoavel barulho no meio da politica ingleza, por causa das acções da Companhia Marconi que alguns politicos, com o seu dinheiro, lhes apeteceu comprar. E acrescenta que: ora como no caso apparecesse um processo, anda a justiça a averiguar como, quando, onde, porquê e com que dinheiro os mesmos politicos adquiriram as ditas acções.*

Em seguida recorda que ao fallecido Rouvier succedeu fazer um negocio semelhante, dizendo esse ministro francez que realmente

fizera os taes negocios no uso pleno do seu direito, e que se ganhara dinheiro com isso não fóra d'elle a culpa, mas da sua sorte ou boa previsão das cousas.

Pois está claro!... O que ha é sempre a mania de lançar suspeitas sobre os homens publicos.

E é o mesmo em toda a parte, creia o *Mundo*.

Supponha que o sr. Affonso Costa, depois da proclamação da Republica, tinha comprado por matuta e meia umas poucas de centenas de acções de uma companhia... da companhia de Ambaca, por exemplo. Supponha que aquelle trabalho do sr. Freitas Ribeiro, actual ministro da marinha, e do sr. Eusebio da Fonseca tinha tido bom resultado e a liquidação que elles tentaram fazer com a companhia ia por deante, e portanto as acções que o sr. Affonso Costa comprára por matuta e meia vinham a valer um bom par de libras. Supponha mesmo que o sr. Eusebio da Fonseca tem a habilidade de conseguir do actual governo, por exemplo, que a liquidação se faça como elle queria.

O que imagina o *Mundo* que diriam logo aquelles marotos dos evolucionistas?

Ora... diziam logo que era um escandalo, que tudo aquillo fóra feito pelos democraticos para que o sr. Affonso Costa ganhasse o dinheiro com a venda a preços altos das acções que comprára a preços baixos, etc., etc. O costume.

E comtudo que culpa tinha o sr. Affonso Costa?

Nenhuma.

A culpa fóra toda da sua sorte ou da sua boa previsão das cousas.

Mas... o *Mundo* bem sabe, os politicos são muito facciosos, o publico é muito credulo, e ninguém evitaria que se dissesse que tudo aquillo fóra uma escandalosa maroteira combinada entre o chefe do governo, o sr. Eusebio da Fonseca e outros mais.

E' uma pena, tem o *Mundo* razão.

Já um homem não póde prever certo as cousas que dependem principalmente d'elle ou dos partidos em que tem influencia... sem que se grite logo que é maroteira.

Mas se o mundo é assim... que quer o *Mundo*?

Titulos proprios

Ha tempos iniciou-se em Lisboa a publicação de um pamphletto intitulado *O Cadastro*. Era redigido pelo sr. Francisco da Silva Passos, jornalista republicano, que na sua publicação apreciava a politica republicana.

Agora appareceu uma nova publicação intitulada *A Cambada*. E' redigida pelo sr. Francisco Moreno, jornalista republicano, que nos seus artigos critica a politica republicana e os politicos da Republica.

Temos, pois, que esses jornalistas republicanos, para publicações de critica á Republica e aos republicanos, consideraram como mais proprios os titulos: *A Cambada* e *O Cadastro*.

Não seremos nós quem negue que os titulos são justissimamente apropriados.

Não temos mesmo duvida alguma em opinar que não vemos que facilmente outros titulos pudessem substituir esses.

A *corja*, a *malta*, a *sucia*, também eram bons titulos, mas *A Cambada* é o melhor de todos.

As nossas felicitações, pois, pelo titulo.

O caso Theophilo

Não permittiram as condições especiaes em que é feito o nosso semanário, e ás quaes varias vezes temos feito referencia, que nos occupassemos do interessantissimo caso Theophilo Braga á medida que se foram succedendo os seus diferentes aspectos e que se foram dando os varios episodios que o acompanharam.

Mas decerto não ha nenhum monarchico que não tenha seguido com attenção todos os largos pormenores que do caso foram dando os nossos illustres collegas *Nação* e *Dia*, e que tanto pelos artigos e entrevistas publicadas sobre o assumpto n'esses jornaes, como pelas largas transcrições que fizeram das outras folhas, não tenha conhecimento minucioso do que foi, sob todos os seus aspectos, esse caso tão admiravelmente elucidativo do que são o espirito e o character do homem que se convencionou chamar o *grande pensador portuguez* e do que valem, sob o ponto de vista moral, os homens que desde 5 de Outubro de 1910 tem principalmente influido na governação d'este admiravel país.

De resto, o author das *Cartas de Lisboa*, que publicamos em todos os numeros e que tem sido sempre uma brilhantissima demonstração do valor e da experiencia jornalisticas e do tacto politico do nosso collaborador que com o escrever tão dedicadamente nos tem auxiliado, — de resto, dedicamos, o author das *Cartas de Lisboa* já no nosso ultimo numero resumia a questão e a encarava sob o seu mais interessante aspecto, aquelle precisamente que, a nosso ver, mais convem accentuar.

Inutil é, pois, que do caso façamos novamente a historia e que digamos quaes os diferentes incidentes que levaram o sr. Manuel Colaço, author da entrevista que com o sr. Theophilo publicou o nosso illustre collega O

Dia, a chamar aos tribunaes, crêmos que por injurias e difamação, o primeiro, isto é, o penultimo presidente da Republica Portuguesa.

Não fazemos a menor ideia do que venha a ser esse julgamento se algum dia se realizar, pois permittimo-nos não ter na justiça da nossa terra a confiança necessaria para acreditar-mos que tal julgamento não seja adiado o sufficiente numero de vezes para se evitar que do trambolhão que deu seja levantado para se sentar no banco dos reus, o homem que de ha muito tinha sido já justa e completamente definido por muitos d'aquelles cujos nomes figuram entre os mais gloriosos do nosso país, e que, apesar d'isso, os republicanos envolveram sempre n'uma aureola de pureza moral e de superioridade intellectual para poderem ter uma figura que podessem pôr na presidencia quando conseguissem triumphar.

Mas deve ser interessante esse julgamento, se alguma vez se realizar, porque n'elle se verá forçado o sr. Colaço, n'um legitimo direito de defeza, até mesmo n'uma justa obrigação para comigo mesmo, em vista da situação que lhe quizeram crear, a dizer tudo quanto ouviu da bocca do *grande pensador portuguez* e a esmiuçar todos os pormenores da sua entrevista, para demonstrar a inexactidão das affirmações feitas na tribuna parlamentar pelo sr. Theophilo Braga.

E' o que o sr. Theophilo póde ter dito de pessoas a quem odeia, e sobretudo o que elle poderá ter dito d'essas pessoas entre duas chavenas de café e duas fatias de pão com manteiga, não o póde imaginar ninguém, tão imprevisito, tão inverosimil é o homem que, se alguma vez fosse capaz de dar dez reis a um pobre, o faria por uma forma que o pobre lhe daria logo um vintem para que elle lhe não desse os dez reis.

Mas se nos é inutil historiar o que se tem passado com o caso Theophilo, e sobretudo em vista da admiravel *Carta de Lisboa*, que publicamos no ultimo numero, o que convem é que fique accentuado que absolutamente em nada foi alterada pelo discurso do sr. Theophilo Braga, — pittoresco discurso em que o *grande pensador portuguez* disse, da tribuna do Parlamento, que tem recebido muitos *coices* na sua vida, — tudo aquillo que de *mau* disse ao sr. Colaço e disse ao redactor do *Seculo*.

Leia-se esse discurso e notar-se-ha que o sr. Theophilo o que fez foi apenas atenuar... para peor, o que de menos pessimo tinha dito.

O assalto

Pedimos desculpa ao nosso leitor que nos escreve uma carta muito indignada pelo que se passou com o assalto ao Club dos Restauradores, de não fazermos o artigo vibrante de indignação que nos reclama.

O caso tem aspectos muito interessantes, e o mais interessante não é nenhum d'aquelles que o nosso leitor aponta, mas sim um pelo qual só nós o podemos encarar, porque conhecemos da Galliza o individuo a quem o sr. governador civil de Lisboa encarregou, segundo se viu do bilhete que o homem apresentou, de exercer a missão de reprimir o jogo.

Ora do que temos lido nos jornaes resulta apurar-se o seguinte: esse individuo e mais outro intimou todos os socios do Club a que estivessem quietos. E esses socios obedeceram, e tanto obedeceram, que o homem se teria escapado sem apanhar uma sova se os populares que se juntaram á entrada do Club lh'a não tivessem dado.

N'estas condições das duas uma:

— ou os socios do Club estavam realmente jogando a batota, e a intervenção do tal individuo, embora por processos pouco legais, é explicavel, e francamente não nos é facil indignarmo-nos contra o acto, embora illegal, de um individuo que vae perturbar os batoteiros.

— ou os socios não estavam jogando a batota, e consideraram, como elles dizem, a intervenção do tal individuo e do seu companheiro, apenas como um assalto no proposito de commetter um roubo, e n'esse caso, francamente, não temos muita vontade de nos indignarmos a favor da causa de 30 ou 40 sujeitos que assim se deixam assaltar e roubar, na propria casa, por dois individuos.

Portanto, desculpe-nos o nosso leitor se não escrevemos o tal artigo indignado que nos pede.

O que fazemos é pedir ao sr. governador civil de Lisboa que mande para o tal Club alguns policiaes, não para evitar que lá se jogue, mas para proteger os socios contra algum ratão que com elles se queira divertir, entrando-lhes por alli dentro de bengala em punho a intimal-os a que se ponham todos de mãos no chão e pés no ar, emquanto elle lhes revista as algibeiras e limpa as gavetas da secretaria.

Tenha paciencia o nosso leitor, mas não defendemos batoteiros, nem maricas.

E de como se passou o tal assalto ao Club dos Restauradores só uma d'estas duas conclusões se podem tirar: ou taes socios estavam jogando a batota, e n'esse caso são batoteiros; ou não estavam jogando a batota e n'esse caso são maricas.

E, com a devida venia, temos dito.

D. Constança Telles da Gama

E' admiravel o soneto que D. Branca de Gonta Colaço, a maior poetisa portugueza e o mais delicado e fino espirito de Mulher, dedicou a D. Constança Telles da Gama, a bondosissima e heroica senhora que atravez todas as perseguições e todos os martyrios foi cumprindo com impressionante serenidade e firmeza, a missão de caridade que o seu coração lhe impozera.

O soneto da sr.^a D. Branca de Gonta Colaço a que nos referimos foi publicado na pagina central do n.º 6 do *Thalassa*, o brilhante semanario de caricaturas que Jorge Colaço e Severim de Azevedo estão publicando.

Illustra o soneto um desenho primoroso de Jorge Colaço, que soube em poucos traços fazer a critica sangrenta de uma Republica que ao banco dos reus levou a descendente do homem cuja figura se destaca, no fundo esbatido do desenho, sobre a caravela em que foi, caminho da India, a dar fama ao nome portuguez.

O soneto, que pedimos licença para transcrever, é o seguinte:

Como uma luz piedosamente accêsa em noite de soturna escuridade... ou como um astro em ceu de tempestade, ei-la a fulgir na Historia Portugueza!

Partiu sorrindo para a heroica empreza; e com serêna e doce magestade, maior soube tornar sua bondade quanto mais viu crescer sua grandeza!

Ao proferir seu nome egregio e lindo, que evôca o dos seus incritos avós, e que o futuro irá repercutindo

como um brado d'amor de todos nós, ajoelham-se as mães n'um culto infindo... e os poetas tem lagrimas na voz!...

Estamos certos que nenhuma das multissimas homenagens que se tem justamente prestado á sr.^a D. Constança Telles da Gama tão profundamente lhe terá sido grata, como a que lhe prestaram, n'estes enternecidos versos, o grande espirito, o grande coração e o grande talento da sr.^a D. Branca de Gonta Colaço.

A batota

Segundo vemos em alguns illustres collegas do Sagrado Tribunal da Imprensa, o sr. Arthur Costa, membro do Senado, disse n'um seu discurso qualquer cousa de que se podia concluir ser sua opinião haver jornaes interessados na questão do jogo.

Por esse motivo alguns nossos illustres collegas manifestam uma grande indignação contra o sr. Arthur e d'elle reclamam em termos energicos, — aliás proprios d'uma imprensa que se tem mostrado sempre de uma grande energia, — que diga quaes são os jornaes a que se quiz referir.

E' claro que o sr. Arthur não respondeu, pelo menos até ao momento em que escrevemos estas linhas, o que sobremaneira nos preocupa, pois deve ser tremenda a explosão da indignação nos nossos illustres collegas, assim represada na espera de uma resposta.

Amigos da paz e união entre todos os portuguezes, e sobretudo d'aquelles que fazem parte da Orientadora dos Povos, apressamons a explicar que o sr. Arthur queria apenas referir-se ao *Mundo*, unico jornal que podia ser visado nas suas palavras.

De facto, como se sabe, a *Capital* disse ha tempos, e só com protesto do *Intransigente*, que de *Monaco para Portugal vinham alguns milhares de francos* com os quaes a Companhia do jogo do Monte-Carlo alimentava a campanha contra a regularização do jogo em Portugal, a qual iria prejudicar gravemente os interesses dos casinos do principado de Monaco.

Ora o jornal que mais activa campanha tem feito contra a regulamentação do jogo em Portugal tem sido o *Mundo*.

E desde que o republicano senhor Arthur falla de jornaes interessados na questão do jogo, claro está, dadas as revelações da republicana *Capital*, que o republicano senador só ao republicano *Mundo* se podia referir.

Soceguem pois os nossos illustres collegas que o sr. Arthur Costa não se queria referir a elles, o que de resto o senador em questão se teria apressado a explicar, se esses membros do Sagrado Tribunal não tivessem a mania de pedir explicações e esclarecimentos, sob a forma de intimação cathgorica e ameaçadora, o que colloca sempre aquelles a quem se dirigem na situação: ou de não darem as explicações, que em taes termos são reclamadas, para que se não diga que obedecem a intimações ameaçadoras, ou de, dando essas explicações, se sujeitarem á suspeita de que tiveram medo da cara feia que lhe fizeram os intimadores.

Se nos fosse permittido aconselhar o Sagrado Tribunal dir-lhe-hiamos que devia pôr de parte essa mania das intimações, que lhe dão o aspecto de um official de diligencias, de grandes bigodes e grosso bengalão, e que adoptasse antes o systema de, quando quizesse pedir explicações, o fazer com delicadeza e serenidade, reservando-se para o caso de taes explicações não serem dadas, o arrebitar da bigodeira e o agitar do bengalão.

Assim ficam suppondo todos aquelles que lhe notam os ares ferozes, que o Sagrado Tribunal o que quer é metter medo, para que o outro se encolha e recolha a falla ao buxo.

A Segunda Incursão Monarchica

OITO MEZES NA GALLIZA

A NOITE DE NATAL

Anonymos, rotos, desabonados, quem se atrevia agora a dizer que os prendia alli o interesse ou o medo? Interesse, bem via a gente da terra que não; e, se lá de dentro, a republica lhes offercia o retorno impune, e elles o recusavam, era porque forte élo os alliançava aos amargurados acantonamentos da Galliza. Esse gesto, traçado nas horas da mais negra penuria, ficára ante os gallegos como padrão do character dos emigrados.

Em honra eram os emigrados eguaes aos gallegos mais honrados; em força, em desinteresse, em aptidão, em qualidades physicas, eram-lhes os portuguezes superiores.

Se lhes davam campos para amanhar, apegavam-se ao trabalho, grangeavam pelo officio os que o tinham, os outros cumpriam o serviço de correspondencia, de communicações, de rondas, e, quando estavam muito tristes, vingavam-se em cantar. E trabalhando na terra a par dos gallegos, provavam os portuguezes mais destreza e mais sciencia nos trabalhos agricolas. Era vel-os alli cavar uma jorna inteira, e volverem á tarde para a buraca, léstos e com vida para cantar a mulher pelo caminho.

Se labutavam, não lhes passava adeante o hespanhol; se brigavam, não se chegavam os gallegos ao pé dos portuguezes.

Uma noite, uma gota de vinho improvisou, dentro d'uma tenda, um final de romaria: andaram no ar os cacetes, rodaram algumas cabeças rachadas. Um rapazito franzino metteu-se ao meio, e os homens, assim que viram o «sr. Adrianinho, ajudante do nosso tenente Menezes», acomodaram-se.

— Nunca vimos dar tanta pancada! — exclamavam os gallegos.

— Então, vocês estavam ahí, e não sabiam apartar! — interpellou o ajudante do tenente Menezes.

— Os nossos? — respondeu uma gallega — Onde é que elles tinham força para isso? O murro d'um portuguez mandava pelo ar quantos dos nossos se chegassem para elles!...

Os gallegos respeitavam-os; e a gallega premiava-os como a mulher premiou sempre o triumphador.

Os portuguezes eram os mais fortes, os portuguezes eram os mais mysticos, os portuguezes eram os mais sentimentaes, a mulher gallega já não soffria os homens da sua raça. E fosse no campo, pelas fainas, fosse no terreiro, em dia de guarda, n'uma rodada de harmonium ou de viola, a gallega repelia-os com desprezo:

— Tira-te que cheiras a gallego! (Quita hombre! que óles a gallego!)

O portuguez tinha invadido, abrindo na alma regional o primeiro sulco que o invasor deixa nos povos de conquista — a sua canção. Nos «grupos» havia bons cantadores, e o cancionero portuguez, peninsular e insular, era recapitulado amorosamente. Francisco Pombal cantava em terceiras as lentas rapsodias do fatalismo da raça, Antonio Graça esmaltava a sua saudade portugueza nas canções cadenciadas da ilha. Demais, os portuguezes levavam novos thesouros de folk-lore, renovavam a riqueza musical do povo.

Aos dois mezes d'acantonamento, não havia terreiro que pelas tardes de domingo não cantasse:

*O' balancé, balancé,
Balancé da neve pura!*

E, então, o cancionero politico do momento, desabfo passivo das multidões, andava na ponta da lingua.

Havia desafios, como em Portugal, nas esfolhadas: uma voz desgarrava:

*Meu amor é reservista
Passa a vida no quartel;
Quem cá dera a Monarchia,
Mais El-Rei Dom Manuel!*

E outra respondia:

*Quem cá dera a Monarchia!
Deus a traga em boa hora!
Menina não esteja triste
Que o rapaz não se demora.*

Assim como o messianismo nacional creara nos homens da columna o fetchismo pela Causa e pelo commandante, assim aquelles foram depois impregnando da mesma idolatria o coração das povoações, por onde acantonavam.

Em Mogueimes ou Gendibe, ouvia-se, como em Celorico ou Cabeceiras:

*Portuguezes vesti lucto
Um lucto bem denegrado;
Se Paiva Couceiro não vem
Portugal está perdido.*

Os portuguezes não aprenderam uma *vidalita*: a gallega trauteava a *Liberal Constituição*, esforçava-se por aprender a delicada tessitura da *Vassourinha* com que o Minho acompanhava as coplas ao Capitão Phantasma:

*No tempo da Monarchia,
No tempo da Monarchia,
Ia tudo muito mal;
Temos agora a Republica,
Temos agora a Republica,
Desgraçado Portugal!*

*Paiva Couceiro,
Mais uma vez
Mostra o que vale
O sangue portuguez.*

E logo o côro, cantando á minhota, em terceiras:

*Varre, varre
Mas com valentia,
Varre esses traidores,
Viva a Monarchia!*

Vencêra o mais forte. O vencido apaixonara-se pelo vencedor, cantando na sua lingua, submettendo-se com enlévo ao seu cancionero.

Os portuguezes tinham contra elles a Hespanha official, a perseguição da *guardia civil*, a sanha do *carabinero*, mas eram senhores da alma da região. A confiança illimitada na sua honradez tornara possível viver-se em pleno atrazo de pret.

Na Noite de Natal os pagamentos estavam atrasados trinta e tantos dias.

Da tradição e do lar, os pobres soldados portuguezes apenas tiveram no exílio a desconsolada saudade e a chuva triste de dezembro.

Os officiaes juntaram-se em Baños de Bande, nas casas uns dos outros, ou nas residencias dos abbades que bem lhes queriam.

Os soldados, cada «grupo» com seu cantador á frente, foram dar as boas-festas aos seus officiaes. Debaixo das janellas, embrulhados em mantas, cantaram as *Janeiras* com versos allusivos aos officiaes, a Couceiro, a El-Rei, versos feitos por elles, com aquelle instincto poetico que a raça bebeu no berço. Começavam:

*Viva o nosso tenente
Viva sua «Insellencia»
Que para nos aturar
Está hoje de paciencia!*

E, cumprida a cerimonia:

*Quem dirêmos nós que viva?
Viva a Familia Real!
Viva El Rei Dom Manuel
No throno de Portugal!*

*Quem dirêmos nós que viva,
Na folhinha do loureiro?
Viva El-Rei Dom Manuel
E mais o Paiva Couceiro!*

Os officiaes continuavam a ceia; os soldados continuavam a cantar, e, insensivelmente, a toada recabia no motivo que penetrára o cancionero:

*Portuguezes vesti lucto
Um lucto bem denegrado;
Se Paiva Couceiro não vem,
Portugal está perdido.*

Desgarradas as lóas, desfiadas as *Janeiras*, o «grupo» terminava com o *Hymno da Carta*.

De fóra, com um tremor de nostalgia e de fé, os soldados entoavam:

Salvé Patria sacrosanta, mãe suprêma!

De dentro, os officiaes respondiam:

Terra de Nun'Alvares, bemdita!...

E os dois côros, o de dentro e o de fóra, cantavam a Patria, como ella se canta em terra estranha.

Alguns que abandonavam o orphéon, era porque a emoção os tomára.

Quando os officiaes retiraram, os homens acompanharam-os, debaixo de chuva, embrulhados nas mantas já pesadas d'agua, um lampeão a desbravar a treva d'aquella noite muito triste, e a acatular dos lamaças mais fundos. Por todos aquelles sitios, se viram, na magoadá noite d'esse Natal, luzitas sorrindo sob o temporal: eram os emigrados portuguezes, os soldados da columna de Couceiro, que, sem dinheiro, sem saber o

dia d'amanhã, sem saber a fome que iria no lar, seguiam afeiçãoadamente os seus officiaes, um cobreção enganando os ossos, a cantar debaixo d'agua.

Era a alma da raça, afeita a pôr em verso as suas tristezas, e a tecer resignadas melodias das suas amarguras.

Era o coração de Portugal, que chorava e cantava, ao mesmo tempo!

Joaquim Leitão.

A OBRA DA MONARCHIA

Uma das mais refalsadas calumnias republicanas, cuja refutação, como a de todas as outras, foi grande erro não se haver feito a tempo e horas, é a de ter a monarchia constitucional arruinado o paiz deixando-o, a mais d'isso, sem nenhum dos instrumentos necessarios ao trabalho nacional. Tanto repizar d'esta falsidade tem dado em resultado haver hoje muito boa gente, em Portugal e no estrangeiro, a suppôr que os maleficios da monarchia constitucional não somente impediram o paiz de progredir, durante os ultimos 50 ou 60 annos, como mesmo o fizeram retrogradar de um imaginario estado de remota prosperidade bastante superior áquelle em que se encontrava entre as 10 e as 11 da manhã de 5 de Outubro de 1910.

Sabem todos os portuguezes que não ignoram tudo que, tanto aquella affirmacão como esta noção das cousas por ella insinuada, são ambas inteiramente falsas. A acção da monarchia constitucional foi caracterizada, precisamente, por uma consideravel obra de reconstrução economica do paiz á qual só pôde talvez ser apontado como defeito aquillo que, por vezes, teve de precipitado ou prematuro. Mas essa rapidez na obra de reconstrução havia sido tornada indispensavel e inadiavel pelo estado lastimoso — de gravissima ruina, esse — em que Portugal havia sido deixado pela epilepsia democratica que o jacobinismo francez introduziu no paiz em 1807 e que os demagogos nacionaes de então prolongaram, desde essa data até 1852, com toda uma serie de revoluções e de guerras internas.

O contraste da benefica acção constructiva da monarchia constitucional com as devastações dos dois períodos de furia democratica entre os quaes ficou intervallado, seria a melhor demonstração, material e racionada, da excellencia do systema se a consciencia de cada um de nós e o criterio moral *à priori* nos não indicassem onde está a verdade — e com esta, portanto, a paz, a ordem e a unica possibilidade de progresso para todos.

Mas como a historia contemporanea se faz com algarismos, talvez interessassem aos leitores uns apontamentos que ha dias nos serviram para desfazer no espirito de um amigo estrangeiro o facil credito que havia dado á repugnante calumnia tão badalada por toda a Europa pelos caixeiros-viajantes da lusitana democracia. São essas notas muito insufficientes e seria bem vantajoso que algum estudioso do paiz com accesso a boas fontes de informação se dedicasse a completal-as: sobretudo como incitamento a esse trabalho apresentamos hoje as que se referem a trez ou quatro indices da economia nacional.

Vejamos, pois, muito por alto, como se salienta a obra constructiva da monarchia constitucional.

Começaremos pela população, visto Stuart Mill nos ensinar que a rapidez do seu augmento é um dos indicadores da situação economica dos paizes. De 1864, primeiro recenseamento de confiança, a 1910 a população total do continente e ilhas augmentou de 1.800.000 almas, ou seja um ganho de nada menos de 43% sobre os 4.200.000 habitantes de ha 48 annos.

Encaremos seguidamente as vias de comunicação e de transporte cuja importancia economica é dominante na moderna vida dos povos. Em 1852 Portugal inteiro quasi não possuía estradas, pois apenas 218 kilometros de carreiras haviam sido macadamizadas. Entre essa data e 1907 a monarchia constitucional construiu 16.213 kilometros de estradas, dispendendo para cima de 61.000 contos de reis com os 12.000 kilometros que representam estradas reaes.

Trinta annos atrasados em Portugal pelas convulsões da democracia que nos flagellaram, os caminhos de ferro só foram iniciados entre nós em 1856 com a abertura á exploração de um insignificante troço de 36 kilometros entre Lisboa e o Carregado. Em 1907, porém, havia já em serviço 2.759 kilometros; em adeantada construcção, mais 579 kilometros; em estudo 710 e classificados mais 1.490 kilometros. Na construcção das suas linhas, em adeantamentos para garantia de juros e em subsidios kilometricos, tinha a monarchia constitucional empregado para cima de 68.000 contos de reis. O movimento das linhas, em 1905, era já de 15 milhões de passageiros e de 4 milhões de toneladas de mercadorias.

Tambem só em 1856 se pôde introduzir no paiz a telegraphia electrica, sendo a primeira linha estabelecida entre o Terreiro do Paço e o Palacio das Côrtes com ramificações

para os Paços das Necessidades e de Cintra. Pois em 1905 o desenvolvimento dos fios attingia 20.607 kilometros, o numero de estações telegraphicas era de 478, a quantidade de telegrammas transmittidos, recebidos e em transitio, subia a trez milhões e meio por anno.

Do serviço dos correios, organizado em 1852, destacaremos os seguintes indicadores relativos a 1905: Correspondencias recebidas e expedidas 104.000.000. Estampilhas vendidas 1.233 contos de reis. Valores declarados, recebidos e expedidos 7.417 contos reis. Vales do correio emittidos e pagos 9.779 contos de reis.

O nosso movimento marítimo, em todos os portos do continente do reino e das ilhas adjacentes, só em 18 annos, de 1888 a 1906, passou de 3,5 milhões de toneladas de arqueação a 16,5 milhões, mais que triplicando e revelando uma progressão mais rapida do que qualquer outra apresentada pelas estatísticas para a Europa inteira.

Poderosamente auxiliada pelas grandes obras publicas e pelas medidas de fomento promulgadas pela monarchia constitucional a economia nacional teve ensejo de trabalhar muito utilmente. Assim, vemos que a importação de machinas para a industria, que em 1857 fóra apenas de 295 contos, já havia subido em 1908 ao valor annual de 1.600 contos de reis. A importação de materias primas para a industria fabril passou, dos 7.000 contos annuaes que em 1867 nos apresenta, para medias superiores a 27.000 contos de reis quarenta annos mais tarde, em 1907. Tudo isto traduz consideravel capitalização de riqueza e demonstra tambem outra cousa que muito importa ao povo: abundancia de emprego para os seus braços.

Nem menos importante foi o desenvolvimento da agricultura durante a vigencia da monarchia constitucional, porque, embora pouco tenha crescido a sua exportação e alguma cousa tenha augmentado a importação, é fóra de duvida que o progresso da produção cultural conseguiu o resultado muito satisfatorio de assegurar facil alimentação aos quasi dois milhões de novos habitantes de que a população do paiz foi accrescida durante esse periodo.

Quanto ao commercio, bastará dizer que sómente em um dos seus ramos (no commercio geral que engloba as importações e as exportações mas nada nos diz do movimento interno do paiz, aliás o mais importante sempre) houve, em 59 annos, de 1851 a 1910, folgada sextuplicação dos seus algarismos, que passaram de 23.000 contos apenas em 1851 para 156.000 contos de reis em 1910. As relações commerciaes com as colonias subiram de 1.000 contos em 1861 a 27.000 contos de reis em 1910.

Assim se vê que a monarchia constitucional não arruinou o paiz antes do enriqueceu, não privou a nação de melhoramentos e de obras de fomento antes a dotou com todas quantas n'ella existem. Se mais não fez e maior riqueza não promoveu foi isso devido, ainda e sempre, ao gravissimo estado de ruina ao qual a democracia levou Portugal durante a primeira metade do seculo XIX com as suas explosões revolucionarias. Com seguro golpe de vistas e intelligente criterio, a monarchia constitucional soube e pôde executar uma grande obra constructiva, rasgando estradas, construindo linhas ferreas, montando telegraphos e correios, equipando portos, protegendo o trabalho nacional com pautas. Luctou sempre, porém, contra uma grande dificuldade: a penuria de capitales no paiz, a falta de fortunas privadas que são indispensaveis á moderna vida dos povos, como nunca o foram na antiga, não já para gozo dos individuos senão principalmente como insuppriveis auxiliares do seu labor. Mas essas fortunas privadas, que em Portugal, como em toda a parte, outra cousa não podiam ser senão a capitalização do trabalho, haviam sido quasi totalmente destruidas pelo nosso primeiro ataque de epilepsia democratica. A missão de as refazer, protegendo a actividade nacional e servindo-a com as obras de fomento mais necessarias, se entregou a monarchia constitucional, logo que a demagogia lhe deu treguas de actos revolucionarios, obtendo os resultados que acabamos de tracejar.

Mas a furia destructiva do espirito democratico não se acomodava com a tranquillidade do paiz. E a demolir pelos factos a obra constructiva da monarchia constitucional cuja realidade negára aos berros — atirando com a população mais valida para a emigração, afugentando os capitales para o estrangeiro, arruinando e desvalorizando a propriedade com impostos confiscatorios, destruindo a estabilidade do emprego do povo operario, nos campos hontem nas fabricas amanhã, — lá o temos de novo, tripudiando de gaudio.

Eduardo Lupi.

Mais um attentado contra o Rei de Hespanha

O telegrapho já contou: domingo findo, á volta do juramento de bandeiras, na Avenida da Castellana, um homem separou-se da multidão apinhada nos Recoletos, e, avançando para o cavallo do Rei de Hespanha, agarrou as bridas com a mão esquerda e com a direita desfechou o revólver sobre Affonso XIII.

E' a terceira tentativa de regicidio contra o actual monarcha hespanhol.

O seu baptismo de fogo, como elle lhe chamou, foi em Paris, n'uma noite de junho de 1905: o Rei de Hespanha regressava da Opera, no coche do Presidente Loubet, quando um anarchista hespanhol, Ferras, atirou uma bomba para a carruagem.

Affonso XIII e Loubet ficaram incolumes, e os prejudicados foram vinte e duas pessoas que no momento do attentado passavam na Rue de Roham, e que foram feridas.

Quasi um anno depois, em 31 de maio de 1906, quando o Rei e a Rainha Victoria voltavam de receber a benção nupcial na velha igreja de San-Jeronimo, de Madrid, uma bomba, atirada d'uma janella á passagem do cortejo real, matava vinte e oito pessoas e feria noventa e oito.

Os cavallos do coche real ficaram mortos, a escolta esmigalhada.

O Principe Real Portuguez, D. Luiz Filipe, que, com o Marquez do Lavradio, ia n'um coche immediato, ficou salpicado de sangue.

Affonso XIII abriu a portinhola da carruagem, deu a mão á Rainha, e gritou:

— « Viva a Hespanha! »

N'estes sete annos varios *complots* se teem tramado contra a vida do Rei de Hespanha.

Ainda em 1910 os funeraes de Eduardo VII reuniram no claustro de *Westminster Abbey* todas as testas coroadas da Europa, nos seus representantes directos ou delegados nos seus descendentes.

Todas as policias de segurança indicaram *complots* contra as pessoas reinantes, ao retorno de Inglaterra.

Havia tambem um attentado preparado contra o Rei de Hespanha que, por isso, fez a viagem com uma pequena modificação no trajecto.

Até aqui Affonso XIII escapára dos attentados por uma questão de sorte, e aos *complots* por vigilancia da policia, o que não deixa de ser ainda sorte.

A serenidade com que o Rei Affonso era o primeiro a tranquillisar as multidões e os seus, e o cavalheiresco « viva a Hespanha » com que o monarcha encerrava todo o incidente com a Anarchia, eram já um motivo bastante para que a Hespanha o amasse e o estrangeiro o admirasse, como se admira sempre a coragem demonstrada perante a morte.

Mas podia-se dizer: foi sorte.

Essa sorte de conjurar attentados e de escapar a toda a metralha dos combates, sem se agachar nem entrincheirar, só a teem aquellos que desconhecem a côr do medo.

As balas só acertam em quem tem medo d'ellas.

E a historia militar que diga se os soldados que vão para a linha de fogo com o sentimento de que vão morrer não são os primeiros a cair, e se não são sempre muito mais poupados aquelles que acabam um combate tendo os pés no mesmo pedaço de terra

onde os pozeram ao romper o fogo, sem sequer terem sacudido a terra que a metralha lhe atirava á cara.

O Rei de Hespanha, pois, tinha que ser por força muito valente para que a morte assim tivesse medo d'elle.

Mas este attentado de domingo passado prova já mais do que a serenidade fulgurante com que Affonso XIII apparecia na mesma hora do perigo.

Este d'agora consagra-o como uma formidável figura, unica que até hoje saiu victoriosa dos combates singulares com os Individualistas do anarchismo.

Nem Mac-Kinley, nem Carnot, nem o Rei da Grecia resistiram.

Affonso XIII, desprevenido, calmo, vê o anarchista avançar para elle, deitar as mãos ao cavallo; muito simplesmente, pica de espôra o cavallo, toma-lhe todo o governo, o animal empina-se, e as balas do anarchista cravam-se no peitoral do ginete com que o Rei se escudava.

Um agente da segurança manieta o anarchista, o Rei de Hespanha ergue-se nos estribos, e na sua voz vibrante grita á multidão:

— « Viva a Hespanha! »

E a Hespanha, que se vê representada na coragem e no *panache* do seu Rei, responde-lhe, em delirio:

— « Viva Affonso XIII! »

Era a segunda vez que Madrid tinha a confirmação de que o seu Rei era um genuino hespanhol.

A primeira vez foi na manhã seguinte ao do casamento.

No Palacio Real, a côrte e a Familia Real ainda não estava refeita do susto do attentado da vespera. A mãe da Rainha Victoria principalmente via mal agourada a subida da sua filha ao throno de Hespanha.

Affonso XIII appareceu para o primeiro almoço vestido de dolman de serviço; a Rainha Helena, singelamente vestida com um vestido alfaiate.

Tomado o chocolate, Affonso XIII e a Rainha Victoria fizeram menção de sahir.

— Onde vão? perguntou a mãe da Rainha noiva.

— Vou mostrar Madrid á Victoria, — respondeu Affonso XIII.

— Mas como, com quem vão? insistiu a Rainha assustada.

— Sósinhos e a pé.

O par nupcial sahiu, a pé sem escolta, sem côrte, sem veadores nem ajudantes. A Rainha sogra ficou a tremer.

Madrid chorou d'admiração.

E Affonso XIII, depois de ter andado por entre a multidão com a Rainha, regressava ao Paço seguido pela Hespanha, que aquella hora estava nas ruas de Madrid e disse á sogra:

— Vê? não succedeu mal nenhum.

E explicou-lhe n'esta phrase toda a sua sciencia de Rei hespanhol e todas as suas qualidades pessoas de valentia castelhana:

— Para o povo nos não metter medo a nós, é preciso mostrar-lhe que não tememos medo d'elle.

E é assim: não ha nada mais cobarde do que as multidões.

Joaquim Leitão.

um impulso que certamente as levaria a Constantinopla: os Turcos só podem hoje resistir nas linhas para manter a honra militar; a desproporção numerica passa a ser formidável a favor do assaltante, accrescendo ainda o material do cerco tambem disponível, e a superioridade moral exaltada ao maximo.

Diplomaticamente, a acção das potencias que tinha por fim alcançar para os Turcos as condições menos onerosas que fosse possível a troca da cedencia d'Andrinopla, cahe pela base, como um castello de cartas, desde que a Praça foi tomada d'assalto. Uma vez ainda a luz clara do facto vem dissipar a poeira tonta do palavriado: os alliados estão de posse dos territorios que exigiam quando das conferencias de Londres: os Bulgaros estão até muito além da linha Rodosto-Midia que então reclamavam como fronteira; os Gregos estão senhores de todas as ilhas do Mar Egeu, exceptuadas aquellas do Grupo dos Sporados que a Italia tem em *penhor*; a Servia tem Monastir, Prigrew, e a maior parte d'aquella portentosa Albania, um dos mais estranhos partos da diplomacia europeia. Quem irá agora desapossar os alliados do que á custa d'um tão admiravel esforço e de tamanho heroismo souberam conquistar?

Não está já o mundo slavo respondendo a tal pergunta? Na Duma russa a noticia da tomada d'Andrinopla foi recebida com clamorosas aclamações: o *Te-Deum* foi entoado em côr pelos membros da assembleia; Mr. Danef, o conhecido presidente da Sobrania bulgara que se achava ocasionalmente presente, foi levado em triumpho. E analogas manifestações tiveram logar entre os Slavos do imperio austriaco, como para indicar tambem que a opinião não é ali toda conforme com o cynico abuso da força, que leva uma potencia de 51 milhões de habitantes a querer defraudar da sua victoria um pequeno paiz que não chega a contar *trezentos mil* habitantes! Para a gloriosa historia austriaca é mais um episodio brilhante.

O que vale, é que Essad Pachá, o commandante turco de Scutari, é que se recusou a deixar sahir a população civil da cidade sitiada. A exigencia austriaca não tem precedentes. A população civil d'uma praça sitiada sofre os azares e os riscos do cerco. E se entretanto, exaltados com a tomada d'Andrinopla, os sitiados conseguem alcançar a victoria, estamos em crêr que a Austria ficaria sósinha soffrendo o desaire da sua attitude.

Por outro lado, o que augmenta o valor da tal Albania, cujas fronteiras se vão apertando ainda antes de marcadas, com a posse de Scutari? Destinado apenas a ser nos Balkans o biombo atraz do qual manobrará a politica austriaca, em que lhe accresce essa posse o valor militar, nullo sempre por si só em frente á alliança balkanica? Não será uma tal exigencia, ou uma tentativa para fazer sahir os alliados da sua absoluta correção d'attitude em relação á Europa, ou um meio para manter junto d'elles uma influencia e uma acção que a historia nos ensina ter sido sempre contraria aos seus interesses naturaes?

Para nós, a tomada d'Andrinopla marca uma data decisiva na historia do Oriente. Como suppôr agora algumas probabilidades d'exitto a uma mediação europeia? Conhecendo os interesses europeus na Turquia, e incapazes, por politica e por interesse, de os prejudicar, os alliados quererão naturalmente tratar directamente com o seu adversario, como desde o inicio claramente o disseram. As soluções apresentadas pela Europa, como pretendem de antemão conciliar o irconciliavel, isto é, as exigencias da Triplice Alliança, com os interesses da Triplice Entente, acabam sempre por se apresentar sob uma fórma que afinal vae lesar os legitimos desejos e interesses dos alliados. E como muito bem e muito a propósito, o ministro bulgaro em Paris, Mr. Stancioff citava a um jor-

nalista fallando das consequencias da tomada de Andrinopla, ha já muitos annos que Moltke escrevia: « Nem todas as esquadras do mundo bastariam para realisar a partilha turca, nem chegariam para a impedir ». « Aqui está, terminava o diplomata bulgaro, uma d'estas verdadees objectivas, muito antigas e muito geraes para que seja desagradavel lembral-as, mas ás quaes o decorrer dos tempos nada faz perder da sua efficacia ».

* * *

Não queremos encerrar estas linhas sem deixar registado o preito da nossa homenagem ao Rei Jorge da Grecia assassinado em pleno triumpho. De todos os chefes d'Estado que tão admiravelmente souberam preparar os seus povos para os grandes destinos que a campanha corrente nos vem marcando, era o Rei Jorge o mais antigo e com certeza aquelle que mais difficuldades politicas tinha encontrado durante o seu reinado quasi cinquentenario. Assistiu porém ainda ao triumpho da sua politica, obteve a recompensa dos seus esforços em Salonica e em Janina e deixa um successor que da guerra actual se tem sabido revelar um verdadeiro e forte conductor d'homens. Constantino XII, indo buscar no seu titulo a velha tradição do Imperio grego, saberá manter indefeso, o que a politica de seu Pae soube preparar e tornar possível. E sob a sua mão vigorosa a raça hellenica, a tanto custo reunida sob a mesma bandeira, poderá certamente desempenhar o papel a que lhe dá jus a sua gloriosa historia.

Paris, 28 de Março, 1913.

Dias Costa

Mais um que a Republica matou. Pois era d'essés que em toda a verdadeira Democracia deveriam ocupar um lugar de destaque.

Era na verdadeira aceção da palavra o que se chama o *self made man*. O seu trabalho, o seu estudo, o seu valor pessoal foram os meios de que se serviu na sua carreira. Muito mais teria naturalmente alcançado se outro fosse o seu feitio.

Não sabemos se elle conheceria ainda o descalabro d'aquella Direcção Geral do Ultramar a que a sua individualidade dera um tão especial feitio. Dias Costa era um Director Geral precioso para um Ministro conhecedor do Ultramar, porque sabia como ninguém estudar e relatar um processo, e como ninguém na Secretaria conhecia as disposições d'aquella, cada vez mais volumosa legislação ultramarina.

Quando occupou o ministerio houve um dos actos da sua administração de que discordámos sempre. E tivemos occasião de o dizer quando da tragica morte de Mouzinho, a Sociedade de Geographia, tambem então ainda digna da sua tradição, nos honrou com o convite para fallarmos d'esse grande Portuguez. Mas a divergencia d'actos d'administração como a maneira diferente de encarar os proprios principios da administração colonial portugueza, não impediram o auctor d'estas linhas de encontrar no Conselheiro Dias Costa a mais leal e dedicada coadjuvação á sua obra e aos seus esforços em prol do Patrimonio Ultramarino Nacional. Agora que a Republica está levando essa herança gloriosa á beira do abysmo onde parece empenhada em despenhar a Patria Portugueza, o desapparecimento do antigo Director Geral do Ultramar parece um presagio triste.

Mais triste ainda se comparasse o que era a Direcção Geral do seu tempo com a que a Republica lhe substituiu.

A morte de Dias Costa faz desaparecer um dos raros homens por quem professavamos verdadeira estima desde os bancos da escola. Alumno d'elle na Escola do Exercito, mais tarde seu collega na Camara dos Pares, tendo-o finalmente como subordinado no Ministerio do Ultramar essa estima, em nada se alterou apesar de bem diferentes serem as politicas seguidas por qualquer dos dois.

E n'um momento como este, de tão angustiosa crise nacional, mal ficariamos com nós mesmos se não deixassemos aqui registado o preito da nossa homenagem respeitosa á memoria d'um homem que na sua larga carreira publica lealmente serviu sempre o seu Paiz e a Monarchia que o representava.

Ayres d'Ornellas.

ANDRINOPLA

No dia 26 de Março, depois de quatro mezes d'uma resistencia soberba, Andrinopla rendia-se ao impetuoso ataque de Bulgaros e Servios, ao fim d'um bombardeamento em que os obuzes do cerco do Creusot affirmaram a sua superioridade entre o material do cerco conhecido. Chukri Pachá, mal visto e exilado até pelos Jovens Turcos, gloriosamente soube manter as tradições d'intemerata bravura, outr'ora apanagio das tropas turcas.

Ha precisamente tres semanas que a capitulação de Janina vem praticamente collocar o Epiro sob o estandarte hellenico. Os alliados continuam assim a responder triumphantemente aos interminaveis e pretenciosos aranzais da diplomacia das Grandes Potencias.

Ao principiar a guerra, em outubro passado, a Europa declarava intangivel o *statu quo* territorial da Turquia: escauzassem os alliados de pensar em aquisições de tal natureza; resposta foi Lula-Burgos, Salonica e Monastir! Ago-

ra, Sir Edward Grey acabava precisamente de fazer solennes affirmações, envolvendo sentenças bastante pretenciosas pela sua falta absoluta de sanção: dois dias depois Andrinopla é tomada á baioneta calada. Quanto desaire, quanta demonstração d'impotencia teriam poupado a si proprias as potencias, se do principio têm sabido medir o alcance d'aquella desejo tão simplesmente manifestado pelo Czar Fernando: « A' Europa só pedimos uma coisa, que nos deixe resolver a questão a sós com os Turcos! »

Porque a tomada d'Andrinopla modificou por completo a situação como, com a sua habitual cegueira, a via a diplomacia, e d'onde, de veras pouco a proposito, Sir Edward Grey queria no outro dia tirar as condições da *mediação* da Europa. E a mudança é tão decisiva sob o ponto de vista militar, como o é sob o diplomatico.

Militarmente, as forças que cercavam Andrinopla, não só estão disponiveis para serem empregadas em outro ponto do theatro d'operações, mas exaltadas por uma victoria admiravel, dariam ás forças alliadas em frente a Tchataldja

DIFFERENÇAS...

A' hora do jantar n'uma mesa de hotel:

« Eh! bien! Le Russe est parti? »

« Oui, et il m'écrit de Tanger que les nègres ne l'intéressent point. »

N'outra mesa, do lado opposto, pensar silencioso em visão que recapitula:

Tanger!

Fôra em 1904.

Primeiro o deslumbramento da viagem planeada, em Lisboa, n'uma d'essas casas empoleiradas, de janella escancarada sobre o Tejo e ceu, fitando-se crepusculos incandescentes que ao morrerem accendiam o pharol da torre do Bugio para além da qual ficava o desconhecido, mar alto, o desejado, a partida para Marrocos.

Depois, a tarde radiante de vida e sol, em que a alvura da cidade disputava ao rio magicas irradiações, quando o povo chegava da Atalaya com os cirios e no Caes das Columnas o borbórinho crescia aos pés da estatua equestre dominando, soberba, em pleno azul do dia de verão, momento decisivo do embarque, e mais tarde, n'um fundo de ouro fulvo, enquanto Lisboa se elevava, imponente do seu rio, sombra altiva, mancha lilaz a esfumar-se mais e mais, o — S. Barnabé — levantando ferro, levando a bordo Rey Colaço, que, após annos, voltava á sua terra e, no meio do silencio da noite estrellada, todo emocionado, exclamava:

« Amanhã não me deito, quero respirar o ar d'África, é um mar de recordações! »

Sob as estrellas, o modesto capitão do pequeno vapor contando historias do mar, da Terra Nova e da Islandia.

E por fim, ás cinco horas de uma manhã limpida, tão clara!... o — S. Barnabé — boiando em sitios encantados por onde fadas houvessem corrido a espargir luz e silencio.

Fundeava. Atracava-se. Punha-se pé na ponte comprida vindo ao encontro dos recémchegados, lá do fundo da cidade muda, uma figura veneranda, sacerdote de eras longinquas, algum Druida, dono que fôsse d'esse paiz de sonho, levando atraz de si os viajantes que o contemplavam como se dos seus labios esperassem a cada momento as magicas palavras: « Abre-te, Sesamo! »

Mettiam por fundas arcadas, internavam-se na cidade mysteriosa e então... em pleno desconhecido, no labyrintho enredado, entre a casaria impenetravel, toda manchada de sol, sob o mais azul dos ceus e a luz mais dourada, roçando-se por veneraveis reis de lenda, Lazaros, Christos, Apostolos, vultos silenciosos que passam como sombras, figuras brancas que mal pisam o chão, colossos negros, barbaros do Rif, a Lenda, a Biblia, o Passado em maravilhoso cortejo de sonho, fileiras de burros que aos quinze e aos vinte inesperadamente dobram as esquinas atraz do arabe ou negro, ao grito sempre tardio de « ballak, ballak! », algum commovido sem saber porquê, dominado por impressão indizivelmente forte, sobe as tortuosas, as extraordinarias, as extranhas viellas de Tanger, lavado em lagrimas, lagrimas santas que jámais tivera!

Entrou-se n'uma casa antiga, a dos barões de Colaço e Mac Namarra, familia residente em Marrocos ha já mais de seis gerações, tendo sido os primeiros Europeus que ahi se estabeleceram e desempenhando o cargo de representantes de Portugal junto do Sultão desde 1773; casa onde Rey Colaço nascera; onde El-Rei D. Fernando se hospedara em 1856; ahi se encontrando o velho Erard, confidente da vocação precoce da creança que veio a ser Rey Colaço; o cavallo riquissimamente ajaezado de sedas, velludos e ouro, presente do Sultão Sid Mohammed ao barão de Colaço que com a credencial de Ministro plenipotenciario de

Sua Magestade El-Rei de Portugal, fôra a Fêz fazer a entrega da Grã Cruz da Torre Espada, primeira condecoração que acceita um soberano de Marrocos; os quadros dos dois pintores que a familia então contava — o proprio — barão de Colaço e Jorge Colaço, seu filho.

Da asotea via-se a torre de El-jamaa-el-Kebir, a mesquita grande de onde todos os dias o muzzin chama os fieis ás rezas, a fuzilar raios dos azulejos azul turqueza e verde esmeralda, e em facha clara, centenaes de terraços inundados de sol, estiraçando-se á beira de um mar mais azul ainda do que o de Portugal; uma palmeira muito alta e muito esguia ia-se da mesquita dos aissána, isolada, para o azul dos ceus; pelo ar gotejava luz.

Descia-se outra vez á cidade, ao — Soe de Barra —, ao — Zoco Grande —, onde a Historia, ao clarão de um momento accumulando raças e symbolos, typos e allegorias, projectava a sombra luminosa dos tempos que foram: entre camelos deitados a repousar da jornada atravez desertos enquanto outros chegam seguros por figuras de nomadas, e as tendas disseminadas que dão a impressão de acampamentos antigos, e as *chilabas* de burel escuro e os albornózes brancos de attitudes hieraticas, e os vultos magestosos dos mouros ricos envolvidos em transparencias de côres suaves com os claros turbantes dominando de alto, e os negros de todas as classes e os gigantes que vendem agua em odres enroscados nas pernas nuas ao tilintar da campainha de metal amarello, e os Riffenhos com a trunfa de cabello aspero erichada no alto das cabeças rapadas e luzidias a accentuar o ar selvagem do olhar mais negro, e os cegos que ás fileiras passam em cantilêna lamuriosa de interminaveis ladainhas encostados ao bastão de peregrino, grupos archaicos, Oedipos veneraveis e sublimes, sempre imponentes, typos symbolicos de fatalidade, estoica indiferença, submissão altiva — visão unica! —, e as mulheres embiocadas com as creanças ás costas como ciganas, brancas ou negras, cobertas de farrapos ou envoltas nas *fotas*, e os vendedores das cousas mil e de toda a especie, espalhadas pelo chão, sobre taboleiros, pelas barraças, na carga dos burros, dos camelos e das mulas, e os Judeus esguios, vultos negros, Rembrandts soberbos, e os pretos que dançam e tocam, camisas brancas, *chachias* vermelhas, andrajos phantasticos, remendos garridos, entre Berbères, Arabes, Mouros, Judeus, brancos e negros, gente vinda das costas da Arabia, do Sahara e do Sudan, raças primitivas raças cruzadas, peregrinos dos quatro cantos do mundo, todas as classes, a maioria dos typos da raça humana, todas as condições da vida do homem do escravo ao rei, como do estropeado ao mais perfeito, vendo-se: o homem, atravez dos climas, o homem atravez das raças, o homem atravez dos tempos, a Historia e nada menos!

Aqui, tempos rémotos: branco com feições de preto e cabelleira crespa adormecido sobre a pelle de carneiro em somno profundo ao lado do cajado de nomada que vem do sol ardente, da fome e da sede; mais longe, a tenda coberta, rustico abrigo de uma familia inteira que alli traz todas as suas posses; ao lado, o rico senhor, soberano e esplendido, com o pé calçado de meia de seda no estribo de prata da mula branca arrejada de vermelho e segura por um escravo, sedosos tecidos que tremulam ao vento, espumas de côr que se agitam a cada movimento do corpo; e além, está-se em plena Edade Media com o jogonal, o bardo, o trovairo, figura dominante na roda phantastica de phantasticos ouvintes, cujos olhos têm suspensos dos seus labios, ao gesto largo, esse mesmo com que em casa a velha

Racma conta historias ás creanças, aos mysteriosos segredos do Poeta, Arte ambulante que acompanha a lenda com os murmurios da guitarra tosca e as sublimes attitudes do seu vulto soberbo; por ultimo, nota pobre, elemento extranho, o inglez que passa, frio e alheio, com o veu do capacete a ondular ridiculamente ao vento e o pedante Baedeker que tão pouco tem que lhe dizer das pobrezaes de Tanger.

E á noute, ás nove horas da noute memoravel de 25 de Setembro de 1904, em pleno silencio dos luars do — Monte —, em casa de Perdicaris, o americano que bem pouco havia ainda fôra raptado por *Raisulli*, no meio de um auditorio cosmopolita e composto de duas civilisações distinctas, na seductora terra da sua infancia, Rey Colaço encetando, vibrante, para os seus *queridos moros* que pela primeira vez desde todos os tempos alli vinham escutar Beethoven, a sonata em dó sustenido menor, op. 27, — *Sonata quasi una fantasia* — geralmente denominada a — *Clair de lune* —; e essa força portentosa que é o dominio do artista manifestando-se como um prodigio: transmittindo a todos quantos religiosamente o escutavam, todo o vigor da sua vitalidade ardente, deixando desabrochar, livre, a effervescencia do seu sentir, arrastando na cauda luminosa do espirito de Beethoven os felizes que alli estavam, n'elles incutindo, para elles creando, se pôde dizer, essa emoção profunda, abstracta e unica que é como consciencia de eternidade, deslumbramento, arrebatamento que só a Musica sabe dar, que só um verdadeiro artista como este que os vultos brancos fervorosamente seguiam, só uma alma capaz de gerar em si a centelha divina pôde produzir; e a sala com a pequenina vida pueril de vaidades não podendo abrigar em si emoção tão grandiosa, acima de todos e de tudo alguma cousa pairando que hypnotisa, deixa em extase; e, levado pelas azas immensas a tão vertiginosas alturas, tocado ao de leve pelo sopro de Beethoven, mal o ultimo accorde vibrava, forte, fortissimo do *Presto agitato*, o publico rompendo n'um phrenesi de applauso, expressando n'um delirio de enthusiasmo essa chamma que o Artista mysteriosamente ateára com a sua força divinal!

E pela meia-noute, á luz tremula da lanterna do arabesito ligeiro como gazella, tropeçando-se nos vultos informes de — guardas — estiraçados em somno profundo pelos cantos das ruas, os passos resoando nas viellas silenciosas, as almas agitadas sob o poder da — *Clair de lune* —, egual em immensidade a essa noute em que Tanger banhava no mysterio dos terraços claros com as torres verde-esmeralda resplandecentes de luar, a esse mar lá do fundo, aos ceus côr de saphira salpicados de estrellas innumeradas... Tanger era isto!

Myope, com o tronco curto desengonçado sobre as pernas de cagonha, o russo de olhar de aço nem a Kasbok vira, nem os *marabouts*, nem as planicies, as vastidões, os montes azues, as dunas douradas, o Cabo Espartel a pique sobre o azul do Mediterraneo e a Immensidade do Atlantico; não percorreria em desenfreado galope os vastos campos de Tanger para a vir avistar, nas margens de areia tão fina, a cidade encantada, escurecida no ouro do crepusculo. Que lhe importava? Encantadora pequenada de minuscuro burnir das côres mais vivas recitando de côcoras versiculos do Alcoran nas escolas com porta aberta para a rua, preces a Allah, pelos terraços e pelos jardins, pela noitinha, as bodas, cortejos exóticos de archotes tenebrosos vindo interromper a refeição do *cuscús*, tudo lhe era indifferente, nada podia vêr do sonho que é Tanger. Enquanto o outro que Tanger emocionára até ás lagrimas, tão nova e brusca lhe fôra a visão e que assim fazia reviver as suas recordações, se lembrava agora de ter

escripto em ar de arauto (que ninguem podia ouvir):

« Artistas ide a Tanger, que ahi encontrareis a vossa alma, e parecer-vos-ha então que um Deus estava em vós que lá acordou. Artistas de Portugal, entrae n'essa mysteriosa porta do Oriente que a dois passos, muda, guarda os seus segredos. Ide conhecer o deslumbramento, prestar homenagem ao vosso Deus, abençoal-o com essas lagrimas santas com que se penetra em Tanger. Ide ao — Soe de Barra — vêr desfilar a Historia com o seu cortejo de raças, de typos consummados pelos factos.

Ide, Artistas de Portugal!

Parae em Granada, em Cordova, em Sevilha.

Trareis no peito um thesouro.

E com a visão ardente encerrada na vossa alma ardente, transfigurae-a! »

Gil Eanes.

Aspectos

O partido politico, que governa actualmente o Paiz, tem fallado muito. Muitissimo mesmo.

Por baixo estende-se a multidão compacta dos que guardam o silencio. Convencidos? Ignora-se.

Entretanto a Republica prosegue no uso da palavra. Perante auditorios complacentes, enumera os seus trabalhos d'Hercules: a lei de Separação, a Escola leiga, secularisações em toda a linha, Egreja espoliada, Bispos destituídos, Parochias ao abandono, em resumo, todo esse monumento incomparavel de prepotencia sectaria, por nós todos conhecido.

O Governo, todavia, — continuam os preopinantes, — não pode, ainda, infelizmente, abordar com o devido esforço certo numero de problemas, dignos, aliás, do maximo interesse publico, porque se encontra a braços com uma avassaladora crise economico-financeira, herança nefasta da crapulosa monarchia.

Carregando, depois, n'esta girandola final, os tropos da fecundia indignada, o discurso fecha entre os delirios d'uma ovação bem ganha, e merecida.

Eis o typo geral das prelangas, e eis, ao mesmo tempo, uma photographia ao natural da Obra republicana.

N'estes dous annos e meio de governo, com effeito, um unico objectivo tem sido visado, e trabalhado, a serio, e a fundo: o Combate contra a Religião catholica, revestida para o caso com o nome supposto de Clericalismo.

Debaixo do ponto de vista do Grande Oriente francez, poderá essa questão assumir importanciaes grandissimas.

Debaixo do ponto de vista Nacional Portuguez, não passa de um fermento, puro e simples, de perturbação e dissolvencia.

E o facto de escolher esse objectivo, e de tratal-o nos termos em que a Republica o fez, representa um desacerto d'ordem tal, que teria de classificar-se como inverosimilhança lunatica, se não estivessemos a vê-lo com a ossatura tangivel das acções realizadas.

Deante de um phenomeno d'esses, a logica racional recolhe a bastidores. Só a logica mystica, do Dr. Gustavo Le Bon, poderá, acaso, comprehendel-o, e explical-o.

Comtudo a bagagem de planos governativos da Republica só trazia preparada essa unica peça de resistencia, e nada mais.

E' a dura lição das cousas que assim o demonstra.

E' a voz dos evangelizadores democraticos que assim indirectamente o declara, quando, pouco honestamente, e pouco habilmente, pretende escamotear, e pretende esconder debaixo da tunica monarchica, o gato enorme das suas proprias incompetencias, e insufficien-

cias, deixando de fóra a compridissima cauda, que o denuncia.

Cauda compridissima, não ha a menor duvida.

Deficits orçamentaes inconcessíveis, circulação fiduciaria attingindo limites nunca d'antes conhecidos, divida publica e despesas improductivas do Estado n'um crescendo assustador. A fiscalidade, no entretanto, atarrachando o contribuinte como nunca.

O Trabalho e o Capital retrahindo-se. E a Emigração tomando as proporções d'um verdadeiro exodo, por escalões successivos.

Cauda de gato, não. Cauda de raposa apocalyptica.

? Com qu'então, senhores da Republica, fortemente asoberbados com uma crise economico-financeira, que o regimen deposto lhes legou?

Muito nos contam.

E' verdade que já nas epochas do Cartismo, se comiam as searas os parades, era a culpa sómente dos Cabraes.

E remontando, com as classicas latinidades de Tacito, as correntes infinitas do tempo, lá iremos encontrar tambem o Néro, d'execranda memoria, depois do incendio de Roma, a desviar de si as suspeições do Povo, para cima dos Christãos innocentes.

Chama-se a isto, vulgarmente, sacudir a agua do capote, balda tão velha e conhecido, como réles e pouco fertil em resultados praticos.

Mas porque leis fataes da Sorte adversa, estará um Paiz tão fraco, tão pobre, e tão atrazado, gastando o seu tempo precioso, nos vae-vens d'esta interminavel dissensão, republicano-monarchica, tão esteril e inconsequente, tão irritante malfaseja?

Navegamos no Mar Tenebroso, com Fé e com Alma, com Fito e com Bussola.

Que condemnações atavicas nos mandarão navegar agora no Mar dos absurdos, sem Fé nem Alma, sem fito nem Bussola?

Não haverá meio de sahir d'esse poço d'amargas Incertezas, onde não desce a Luz da Confiança, onde não desabrocham as flores da Paz, onde não se criam as seivas da União, a arvore da nossa força, o abrigo da nossa esperança, o alimento da nossa existencia livre e progressiva?

Os homens são senhores do seu destino, e a salvação de todos depende da somma dos esforços de cada um. O septicismo d'este, a resignação d'aquelle, a indiferença de outros, traduzem-se n'um suicidio colectivo.

E' isto que tendes em vista?

Acima das Leis e da Justiça, acima das verdadeiras Conveniencias Nacionaes, poz a Republica os seus Preconceitos. E por esses Preconceitos se orientou, e para esses Preconceitos governou, desprezando tradições, quebrando cadeias que nos prendem ao Passado.

Estará bem?

Responda a Consciencia Publica. Responda essa multidão compacta dos que guardam silencio. Mas respondam, não como republicanos que uns serão, não como monarchicos, que outros podem ser, mas sim como Portuguezes que todos somos.

Henrique de Paiva Couceiro.

Carta de Lisboa

Vae outra vez o problema do jogo occupar a attenção dos illustres legisladores. Assim o annunciam as gazetas. O projecto votado no Senado após uma discussão prolongadissima, resurge amanhã na «ordem do dia» dos deputados, pela necessidade imperiosa que ha de o não esquecer, visto a Constituição considerar lei do paiz todo o projecto approved por uma das Camaras que não

tenha sido discutido pela outra, na sessão seguinte. E d'esta vez — tão emaranhada anda a politica dos novos grupos que actuaem parlamentarmente! — não falta quem já preveja a proposito do jogo acontecimentos inesperados. Por ora, o que se traduz dos factos passados, é a lucta travada entre o sr. Affonso Costa e os chefes dos grupos, para se conservar no poder? Não sr. Para se ir embora!!

Como tudo está mudado no nosso paiz, costumes, homens e sentimentos! Enquanto o chefe do governo se agarra a todas as taboinhas para vêr se cahe bem e se se livra, por uma vez, da camisa de onze varas em que se metten, levantando contra si *tout le monde et son père*, os srs. Brito Camacho e Antonio José d'Almeida piscando o olho um ao outro esforçam-se ambos por amarrar ás cadeiras do poder, com o sr. Rodrigo Rodrigues e tudo, o illustre e audaz agitador dos tempos idos! E' uma lucta verdadeiramente titanica!

O sr. Affonso Costa, em face de uma possivel scisão do seu grupo na questão do jogo, apresenta *corrément* o problema ao Congresso de Aveiro — parlamento n.º 2 — prometendo, apesar da sua clara opinião contra a regulamentação do jogo, curvar-se á decisão do Congresso. Este regeita-o, quer dizer vota com elle. O sr. Affonso Costa, uma vez em Lisboa, abrevia a discussão do problema pelos deputados, e desenrolando o programma antigo do partido republicano — aquelle mesmo programma que o seu mano, correligionario do sr. Teixeira de Souza até 5 de Outubro, chamava ternamente, ha dias em Aveiro, o seu querido programma — e escudando-se ainda com o voto do Congresso faz constar que se o jogo fôr approved, elle deixará o poder. Acode-lhe o sr. Brito Camacho que inventa um *truc* para conciliar tudo, reenviando á commissão o projecto, mas quando tudo parece assim combinado, o sr. Affonso Costa bate de novo o pé e declara peremptoriamente que a solução lhe não agrada, e que o projecto ha-de ser votado por força.

E ou a Camara o regeita, ou elle larga a fugir.

Imagine-se o trabalho enorme que vae entre os grupos adversarios do governo para se arranjar uma outra solução que contente o chefe do ministerio e ao mesmo tempo deixe em suspenso a questão do jogo, o que não parece agora já cousa facil.

O que é curioso, é a paixão com que se discute o problema, quer nos jornaes, quer no parlamento, e como se lhe dá a primazia entre todos os outros problemas de administração publica. Ao passo que nem uma só proposta de fazenda apparece para acudir de prompto á solução economica; enquanto o grande elixir financeiro do sr. Affonso Costa, se limita a cortar ao acaso do orçamento verbas de despesas, absolutamente indispensaveis, como os acontecimentos se encarregarão de provar; quando nem um só legislador, deputado e senador, apresentou ainda um projecto de alcance, de valor ou de senso; o Parlamento portuguez que pesa, por uma continha calada na despesa publica vae gastar de novo tempo e rhetorica para decidir se sim ou não se ha-de regulamentar ou legalisar a batota!! E' curioso, mas é tambem typico! E ao mesmo tempo em que se inventa uma policia especialissima para vigiar o cumprimento da prohibição do jogo e o serviço que n'essa vigilancia prestam a policia secreta e a policia fardada, os legisladores republicanos vão tratar de discutir uma cousa que nunca antes d'elles, no tempo da outra senhora, ninguem se lembrou de fazer occupar a attenção das Camaras.

E' que então, pensava-se e bem que um paiz com tradições historicas como o nosso, com um corpo diplomatico acreditado junto do seu governo, com tratados de alliança, convenções commerciaes, e um imperio colonial invejado e cubicado, tinha muito mais que fazer e pensar do que em arranjar receita, a troco

da legalisação de um vicio, como todos os vicios deprimente e degradante. Agora, ha já quem não pense assim e quem sabe, afinal, se não são esses que teem razão, e que estão na coherencia!

Para fazer progredir as colonias é preciso cabeça e braços. Os braços emigram todos; cabeça provam-n'o dous annos e meio de administração, que é cousa que não temos. E assim na difficaldade de se tornar realisavel aquelle bom dito de uma espirituosa artista a quem uma collega censurava o acceitar a Côte a um preto: — «O' menina, eu sempre ouvi dizer que o nosso futuro estava nas colonias», — os legisladores republicanos acham muito mais commodo, muito menos trabalhoso, e muito mais facil imaginar que o nosso futuro está... na roleta.

Quarta-feira 15.

Raul.

SEMANA MUNDANA

Um pouco de tudo

Vindo de Madrid está no Porto o nosso collega e amigo, Dr. Antonio Paes de Sande e Castro.

— Regressou a Lisboa a sr.ª D. Isabel de Mello e Castro (Galvêas).

— Tem estado no Porto o sr. D. Jorge de Menezes.

— Para Londres, partiu em viagem de recreio a sr.ª D. Amelia Roma Machado, gentilissima filha do distincto engenheiro sr. José Roma Machado.

— Está em Londres o sr. Jorge José de Mello (Cartaxo), filho dos snrs. Condes de Cartaxo.

— Regressaram ao Porto a sr.ª Condessa de Taboera e sua gentil sobrinha, D. Thereza.

— Para assistir ao concurso hyppico, encontra-se no Porto o sr. Alberto Cardoso de Menezes (Margaride).

— Vindos de Londres estão em Paris, a sr.ª Marqueza do Fayal, e sua gentil filha D. Maria e filhos D. Antonio e D. Domingos.

— Vindos de Hespanha, regressaram ao Porto o sr. Fernando Van-Zeller e esposa sr.ª D. Fernanda de Magalhães e Menezes Van-Zeller.

— Vimos no Porto o nosso amigo sr. Dr. João de Bianchi (Valle Paraiso).

— Realizou-se segunda-feira ultima, o casamento da sr.ª D. Maria Bertha de Ortigão Ramos, filha do sr. Antonio Ramos, neta do illustre escriptor Ramalho Ortigão, com o distincto engenheiro sr. José d'Azevedo Castello Branco, filho do sr. Conselheiro José d'Azevedo Castello Branco.

— Teem sido muito animadas as festas em honra dos distinctissimos «tennistas» do Club Santa Martha, em Lisboa.

Concurso hyppico

E' amanhã, se o tempo o permittir, a festa hyppica no campo do Bessa.

Passos Manuel

Muito concorridas as sessões no elegante «cine» Passos Manuel, devendo esta noite ser um ponto de chic reunião.

Ensaio musical

No elegante salão de festas do Jardim Passos Manuel, realizou-se domingo passado uma festa organizada pela distincto professor sr. Oscar da Silva, para apresentar as suas gentis alumnas, já eximias pianistas.

Ouvimos tocar com bastante sentimentalidade e delicadeza, trechos difficillimos de Paderewsky, Chopin, Mendelsshon, Saint-Saens, Scarlatti, Siszt, e o Scherzo á la valse e Dolorosa de Oscar da Silva.

Uma linda festa no

Novo Collegio Inglez

A *matinée* que no domingo se realisou n'este acreditado estabelecimento de educação e ensino do sexo feminino, comprovativa da competencia e zelo pedagogico do respectivo corpo professoral, e da applicação e aproveitamento das alumnas, foi uma festa verdadeiramente encantadora.

Além das familias das alumnas, de numerosas pessoas convidadas, assistiram as professoras: Mademoiselle Marguerite Lajugnie, Mademoiselle Renée Vieira, as sr.ªs D. Rosalina do Nascimento Pires, D. Maria do Céu Pardinho, D. Jesuina Mendes e D. Arminda Teixeira, a excellente professora de piano que todo o Porto conhece e muito aprecia, e os professores srs. Joaquim de Vasconcellos, Francisco Antunes Farnhaes, Eduardo Moura e rev. João do Espirito Santo.

As alumnas tocaram, cantaram e recitaram em portuguez, francez, inglez, e allemão, executando-se o seguinte programa e sendo intensamente applaudidas as alumnas que n'elle tomaram parte.

1.ª parte — Himno do Collegio, de Arminda Teixeira, pelas alumnas; «Valse n.º X», Chopin, por Norberta T. da Silva; «Vogando», de D. A. Teixeira, por Alice Mesquita; «A Lição», por Julieta Monteiro e Alice Cardoso; «Chanson du Bon Vieux Temps», Bachmann, por Antonia Carqueja e Alda Brandão; «Avé-Maria», de D. A. Teixeira, por um grupo de alumnas; «Le Bureau de Renseignements», por um grupo de alumnas; «La Grotte de Cristal», de Bardin Royer, pelas alumnas Rosa e Julieta Cunha; «The Exil's Farewell», de Lady Dufferin, por Maria Pimentel; «Chanson du Printemps», de Mendelsohn, por Julieta Vidal; «Le singe qui montre la lenterne magique», de La Fontaine, por Lydia C. d'Abreu; «Chanson d'Avril», por Maria Faria e Laura Serra; «The Little Mothers», por um gracioso grupo de meninas; «Valse n.º 11», Chopin, por Laura Serra; «L'un ou l'autre», de F. Coppée, por Analia Sardinha; «Se...», de L. Denza, pela alumna Rosa Cunha; «The Pied Piper of Hamelin», por Norberta Silva, Julieta Vidal, Flavia Couto, Guilhermina Sache, Laura Serra e Alfredina Guerreiro; «Canção Triste», por Armenia V. Mourão; «Rapsodia de fados originaes», de D. A. Teixeira, por Ermelinda Guimarães; «Canções Portuguezas», por um grupo d'alumnas; «O Pintinho», por Maria Luiza Maia; «Nocturno», de D. A. Teixeira, por Analia Sardinha; «A Caridade», de Adriano Antero, por Maria Pimentel; «Overtura de Poeta e Aldeano», de Fr. V. Suppé, por Rosa Cunha; «Les Brésilliennes», por um grupo de alumnas.

2.ª parte — «Momento jiojoso», de Mazkowsky, por Armenia V. Mourão; «Canção da Manhã», por Analia Sardinha; «Le Petit chat», de E. Rostanel, por Antonia Carqueja e o sr. Smut; «En Chemin», por Alice Messeder e Julieta Monteiro; «Que by One», por Renée Labbe; «Frühlingsboten», de J. Papperle, pela alumna Rosa Lago; «Le coucou», por um grupo de meninas; «Alla Stella Confidente», de Streabog, por Alfredina Guerreiro; «Congresso feminista», por Norberta S., Antonia C., Alice M., Lidia A., Laura S., Margarida N., Octavia A.; «Gentil», de D. Arminda Teixeira, por Maria Pimentel; «Carcassone», por Julieta Vidal; «Ein Marchen», de Hobisch, por Octavia Amorim; «Recordações ao piano», de D. Arminda Teixeira, pela alumna Rosa Cunha; «As Mães», de Guilherme Braga, por Analia Sardinha; «Perle de Madrid», de Bachmann, por Beatriz e Zilda Castro; «L'écho», de Botrel, por Maria Pimentel; «Portugal Velho», de Ernesto Maia, por um grupo de alumnas; «Batalha das Flores», de D. A. Teixeira, por Alice Messeder; «Ideal», por Armenia Mourão; «Les glissades», de Van Gael, pela alumna Rosa Manso; «Povera maman», de P. Tosti, por Analia Sardinha; «Marcha triumphal», de Grieg, pela alumna Rosa Cunha; e o Himno do Collegio, pelas alumnas.

Nas salas e passagens interiores do estabelecimento estavam expostos os trabalhos, prendas manuaes que constituem a educação feminina, notando-se que todas foram orientadas pela utilidade e bom gosto. Havia bordados, desenhados e concluidos com impecavel primor, em almofadões de cama, almofadetes de sofá com graciosos cromos, em hollandia e setim, delicados *sachets*, pannos centraes de mesa, etc., etc. Mas o que mais nos impressionou, pela novidade e variedade, eram as applicações metalicas a diversos objectos uteis, como a carteiras, a molduras, a pastas de escriptorio e outros, tudo norteado por um excellento criterio e lecionados pela professora D. Rosalina Pires.

Pelas paredes, viam-se numerosos desenhos a craion e á penna, assim como quadros a oleo.

Cada trabalho tinha indicado o nome da alumna que o executou, testificando todos elles louvaveis triumphos de applicação e aproveitamento, verdadeiros trofeus de laboriosidade, que foram muito apreciados.

Eis os nomes das suas executantes:

Analia Sardinha, Maria Pimentel, Isabel Q. Almeida, Norberta Telles da Silva, Rosa Cunha, Alfredina Guerreiro, Renée Labbe, Tulia Moura, Maria Antonia Carqueja, Maria Guilhermina Sá Couto, Ermelinda Guimarães, Julieta Vidal, Julieta Monteiro, Julieta Cunha, Rosa Lago, Rosa Manso, Beatriz Lago, Iñez Lago, Octavia Guedes de Amorim, Margarida e Sara Nunes, Armenia Mourão, Conceição Queiroz Almeida, Ali-

ce Fernandes Mesquita, Angelina Ribeiro, Branca Lucas, Irene Casprila Osorio, Maria Ramos, Lucinda e Maria Faria, Antonia Maria Guerra, Maria e Alda Coutinho Braga, Alda Brandão, Julia, Maria Amelia e Laura Flores Loureiro, Alda e Ilda Moura, Maria Eugenia e Margarida Marinho Duarte de Sousa, Flavia Couto, Maria Angela Guimarães Campos, Maria de Lourdes Lomelina Guimarães, Maria do Ceu Ortigão Miranda, Laura Serra, Andrée Querette, Maria Alice Valente Teixeira, Maria Edith Soares d'Albuquerque, Alice Bastos Messeder, Lidia Correia de Abreu, Maria Virginia Vieira, Laura, Margarida Leitão Alcantara Carreira, Julia Albertina Leitão Alcantara Carreira, Maria Guilhermina Pacheco Miranda, Maria Anna Peixoto (Lindoso), Maria Aboandrina, Maria Cecilia e Emilia Borges Manta, Isabel Mattos, Guilhermina, Theodora e Anna Amelia Sache Monteiro de Lima, Maria Assumpção Sampaio, Rosa de Lourdes e Maria Luiza Maia.

No intervalo da primeira para a segunda parte do programa serviu-se a todas as familias e alumnas um *tea* variado, delicado e profuso.

Miss Edith Mary Power foi de requintada amabilidade para todas as pessoas, sendo effusivamente felicitada pela encantadora festa, promovida pelas suas alumnas que sinceramente a estimam e de cuja educação ella trata com desvelos e carinhos verdadeiramente maternas, captivantes e inolvidaveis.

Chronica dos Theatros

Jardim Passos Manuel

Um recital de harpa — Realisou-se hontem no salão de festas do Jardim Passos Manuel, o segundo, interessante e fino recital de harpa, em que a notavel artista M.^{me} Wurmser-Delcourt demonstrou que era uma notabilidade.

Tivemos o espirital prazer de assistir a ambos os concertos e a mais iamoss se mais se realisassem no Porto.

A harpa é, como toda a gente sabe, um instrumento ingrato e de difficil execução.

Não tem a suavidade dos instrumentos de arco, nem a cadencia dos instrumentos de corda, como a guitarra, nem a melodia do piano não obstante ser, como estes, um instrumento de cordas.

Ora, quando fui para o salão das festas e para o meu logar de galeria, ia, confesso, cheio de uma grande impressão de que não ia gostar, pois custara-me a acreditar na possibilidade de uma harpista se fazer ouvir com agrado tocando a solo, sem o acompanhamento de um piano. E isto, porque tinha a impressão de que a harpa, sózinha, havia de ser uma coisa dura que pouco ou nada diria ao coração, mesmo quando tocada por uma notavel artista.

Mas, voltei desiludido e entusiasmado. Positivamente a artista realisara, para mim, um verdadeiro phenomeno. Tocava harpa admiravelmente e dava á execução tal doçura, tão vivo sentimento, que, por mais duma vez, fechando os olhos, imaginei que estava ouvindo outro instrumento qualquer, divinamente harmonioso.

Madame Wurmser-Delcourt, duma elegante e primorosa distincção, é uma figura que se impõe á nossa sympathia; o seu gesto e o seu modo são tão delicados, que, quando ella airoosamente subiu para o estrado e se adaptou á sua harpa, tinha o aspecto gracioso das lindas telas dos grandes mestres.

Depois, a agilidade com que corria os dedos finos e afusados pelas cordas, tirando os sons nitidos, doces e vibrantes, era encantadora.

Nunca vi quem executasse harpa com a correcção e a perfeição com que esta artista o fez, o que não admira, pois não tenho ido lá fóra, aos grandes centros musicaes, e aqui, raras notabilidades vêm.

Pena foi que muitos dos que se dizem entendidos, não comparecessem a estes recitales, porque tinham occasião de ouvir uma artista e demonstrado que isto de ser intendedor de musica não é apenas um snobismo d'arte.

Entre as peças executadas pela distincta harpista, eis as que mais me impressionaram: no 1.º concerto, — *O Alegro de Coucert*, de Enesco; a *Fantasia chromatica*; *Gigue en si bemol*; *Gavote*,

de Bach e *Largo*, de Bach, Saint-Saëns; *Impronta caprice*, de Pierné. — No 2.º concerto, — *Pastoral*, de Scarletti, *Gavote*, de Rameau; *Dois preludios*, de Florent-Schmitt; *Impronta*, de Ciaronne, *Danse lente*, de Franck, e *Patronille Espagnole*, de Tedeschi.

Fecho esta noticia felicitando a empresa do jardim Passos Manoel pelo brilho com que inaugurou o seu salão de festas, e enviando á grande artista um sincero aplauso pelo seu muito talento na execução do ingrato e difficil instrumento que é a harpa.

Abril-1913.

Alvaro

Annuncios

Consultorio Homœopathico

— DO —

Dr. Antonio de Carvalho

Medico da enfermaria homoeopathica do Hospital Geral da Misericórdia do Porto, com pratica nos hospitaes homoeopathicos de Paris, etc.

Doenças do coração e Clínica Geral.

Rua da Bôa Hora, 7 (Residencia) Das 12 ás 2 da tarde

PÃO DE GRAÇA

Aos medicos, medicas, parteiras e hospitaes fornecemos o necessario para analyse e experiencia nos tratamentos dos diabeticos, dispepticos, tuberculosos e anemicos. O pão de *Gluten* é o mais leve e mais fino e tem sido empregado com optimos resultados.

Basta um simples postal para ser logo fornecido.

Unico concessionario em Portugal e Hespanha — Manuel J. Ferreira Valente — PADARIA NACIONAL — Rua de Liceiras, 140 e 144 (e suas filiaes).

PERFUMARIA BALSEMÃO

Rua dos Retrozeiros, 141

TELEPHONE, 2:777

LISBOA

PERFUMARIA FINA

Praça de D. Pedro, 101

LISBOA

Recebeu novo sortimento de essencias finas para o lenço e banho, sabonetes e pós de arroz finissimos, boa agua de Colonia Florida e preparados garantidos para o cabelo, dando a cor natural; sortimento de elixires, pasta e pós dentifricos.

Joaquim Leitão

OS CEM DIAS FUNESTOS

(Processo e condemnação do ultimo presidente do conselho de 1910, Antonio Teixeira de Souza e do seu livro «Para a Historia da Revolução») Um volume de 550 paginas illustrado

PREÇO 1\$000 REIS

A' venda nas principaes livrarias

LEGITIMOS CIGARROS D'ALGER

PERFUMES de Salon

CREMES d'Herbe Divine

Universalmente conhecidos como os mais hygienicos

Não affectam a garganta

Cuidado com as imitações que a fama mundial d'estas marcas tem provocado.

CIGARROS Presidente ARRIAGA

Fina mistura de tabaco havano A marca de maior successo em Portugal

Cuidado com varias marcas imitações d'esta famosa marca

Na Guiné

Por Frederico Pinheiro Chagas

(2.ª edição) Brevemente á venda.

HEROES DE CHAVES

Nova marca de cigarros Manipulados com finissimo tabaco havano suave

SUCCESSO COLOSSAL

Em todas as tabacarias 15 CIGARROS, 90 REIS

Herminio Pereira da Silva Pinto

TORRES NOVAS

COMMISSARIO DE VINHOS E AZEITES

Especialidade em vinhos tintos de 12 a 15 graus

Compra e venda á commissão e de conta propria

Alvaro Pinheiro Chagas (Anselmo)

Notas d'um Lisboaeta

2 bellos volumes

Preço 1\$200 reis

A' venda nas principaes Livrarias.

A TODOS CONVEM SABER que para se obter agua absolutamente pura é indispensavel fazer uso d'um Filtro Chamberland Systema Pasteur, o unico capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas.

Approvado pela Academia de Medicina de Paris, Academia das Sciencias, «Premio Montyon».

Pedir catalogos illustrados a J. L. MEYRELLES, depositario para Portugal e Colonias, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

O Retrato do

Principe Real

D. Luiz Filippe

publicado no nosso numero do dia 1 de Fevereiro, acaba de ser esplendidamente reproduzido em bilhetes postaes, edição de

João Monteiro Pereira

Rua do Loureiro, 72

PORTO

Cada postal 50 reis

Desconto aos revendedores

Atelier de Roupa Branca

M. d'Aguiar Leitão

Proprietaria e directora:

Marqueza Izabel d'Aguiar Leitão

Fabrica e deposito de roupa branca para homem, senhora e creança

Os mais elegantes modelos em roupa branca de senhora, (especialidade d'esta casa).

ENXOVAES PARA CASAMENTO.

ENXOVAES PARA BAPTISADO.

BRINDES A TODAS AS NOIVAS

20, Praça da Batalha, 22—PORTO (A' entrada da R. de Santo Ildefonso)

SALÃO PARISIENSE 75-Galeria de Paris-77

Esta casa acaba de abrir a estação de verão com uma completa collecção de chapéus modelos comprados pessoalmente nas melhores modistas de Paris e muitos outros confeccionados n'este atelier.

ESTOFOS, MOVEIS E TAPETES

Deposito de capachos de côco e pita

Carvalho & Figueiredo

409, Rua do Sá da Bandeira, 409

(PARTE NOVA)

Em frente ao Bolhão

PORTO

Magalhães & Moniz, L.^{da} LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencia e letras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações.

Correspondentes em todo o mundo.

CASA FUNDADA EM 1863

II, Largo dos Loyos, 14—PORTO

EMPRESA NACIONAL

DE NAVEGAÇÃO

PARA A COSTA

OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel; para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empresa

RUA DO COMMERCIO, 85—LISBOA

Recommendamos as excellentes e magnificas PENNAS

D. CARLOS I e D. MANOEL II

em bonitas caixas com artisticas photographias de Suas Magestades

Fabricação exclusiva dos fabricantes inglezes **D. LEONART & C.^o**

Vendem-se nas boas papelarias de Portugal.

Cimentos

NACIONAES

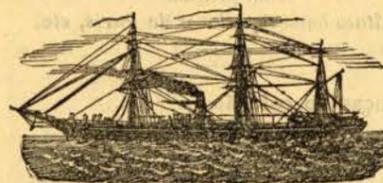
E ESTRANGEIROS

FOR GROSSO

Vantagens excepcionaes para grandes fornecimentos e contractos annuaes, etc.

J. WIMMER & C.^a

LISBOA



COMPAGNIES

DE NAVEGATION

SUD-ATLANTIQUE

Linha postal. Para Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.
A 22 de Abril o paquete *La Bretagne*.
A 6 de Maio o paquete *La Gascogne*.

Linhas commerciaes. Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.
A 16 de Abril o paquete *Sequana*.
Para Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.
A 14 de Maio o paquete *Liger*.
Para Bordeus.
A 20 de Abril o paquete *Burdigala*.

K. H. Lloyd (Mala Real Holandeza)

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.
A 28 de abril o paquete *Frisia*.
Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos
A 6 de Maio o vapor *Amstelland*, (só recebe carga)
A 19 de Maio o paquete *Zeelandia*.
Recebendo passageiros de 1.^a, intermediaria e 3.^a classe.
Para Vigo, Boulogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam.
A 29 de Abril o paquete *Zeelandia*.

Linha Cyp. Fabre & C.^o

Para Providence e New-York, e mais cidades dos Estados Unidos da America do Norte com escala por S. Miguel, Terceira e Fayal.
A 26 de Abril o paquete *Roma*.
Recebendo passageiros de 1.^a, 2.^a e 3.^a classe.
Para Marselha.
A 4 de Maio o paquete *Germania*.
Recebendo passageiros de todas as classes.
Preço das passagens em 3.^a classe para New-York, Boston, New-Bedford, etc., quarenta e dois mil reis e para S. Francisco da California, Libras 22-0-10.
Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.^o

NO PORTO

Largo de S. Domingos, 62-1.^o

EM LISBOA

Praça Duque da Terceira, 4.

COMPANHIAS DE SEGUROS

La Union y el Fenix Español
de Madrid

Union Maritime de Paris
Mannheim de Manheim

Seguros sobre a vida, incendio, explosão de gaz, de machinas, raio, rendas em caso de incendio, maritimos postaes e transportes de qualquer natureza.

LIMA MAYER & C.^a
R. da Prata, 59-1.^o—LISBOA

Dr. M. Forbes Costa

CIRURGIÃO DOS HOSPITAES
Antigo assistente das clinicas de Paris,
Berlim, Londres e Vienna

Doenças genito-urinarias,
venereas e syphiliticas

Diagnosticos e tratamento da syphilis pelos processos mais modernos, especialmente pelo salvarsan (606) e neo-salvarsan.

Praça da Liberdade, 124-1.^o
DAS 9 ÀS 5 HORAS
Telephone, 143